

MARIA ELISA PARREIRA ALVARENGA

A PSICOSE NA CENA PSICANALÍTICA

Tese de Mestrado em Filosofia da
Faculdade de Filosofia e Ciências
Humanas da Universidade Federal
de Minas Gerais.

Orientador:
Prof. Célio Garcia

0/02

06/06

Agradeço aos colegas e amigos
que me ajudaram a realizar este
trabalho, e especialmente a
Célio Garcia;
François Regnault,
minha mãe e
meus pacientes.

A paixão nos coloca num estado de mobilização constante em que a vida fica exaltada... fica vibrando!

É como se a paixão fosse o amor pelo amor, o desejo fosse o desejo pelo desejo.

Suely Rolnik

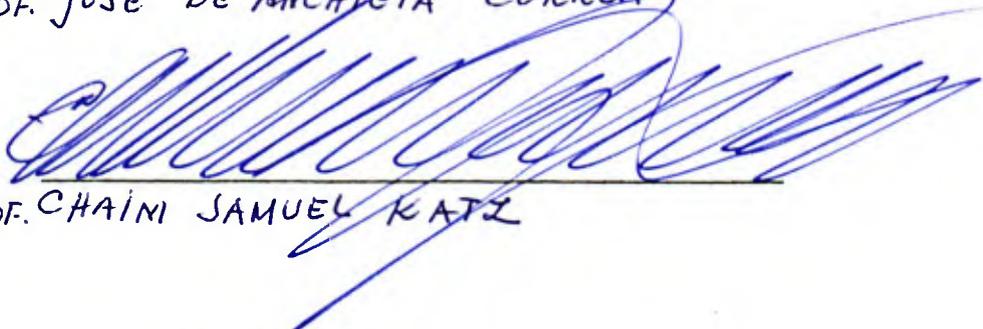
A P S I C O S E N A C E N A P S I C A N A L Í T I C A

Maria Elisa Parreira Alvarenga

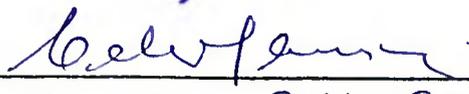
Tese defendida e APROVADA pela Banca Examinadora,
constituída pelos senhores:



PROF. JOSÉ DE ANCHIETA CORREA



PROF. CHAIM SAMUEL KATZ



Prof. Célio Garcia CELIO GARCIA
Orientador

Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia
e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais.

Belo Horizonte, 05 de junho de 1987.

SUMÁRIO

	Pág.
Introdução	1
Capítulo I	
Schreber, a Forclusão e o Gozo	4
Capítulo II	
Um Psicótico em Análise	17
Capítulo III	
O Real na Análise do Psicótico	26
Capítulo IV	
Lacan e <i>Das Ding</i>	52
Capítulo V	
Angústia: o Afeto em Lacan	70
À Guisa de Conclusão	92
Bibliografia	95

INTRODUÇÃO

A loucura vem sendo secularmente abordada pelos mais diversos discursos, aos quais sistematicamente escapa: ela se apresenta como o real, o corte no saber, seja no saber do direito, da ciência ou da medicina. Retomada como um capítulo da nosologia psiquiátrica - o das psicoses - ela continua a furtar-se ao saber articulado ao seu redor. Chega então a vez do discurso psicanalítico, que vem tentando aproximar-se da psicose pelas mais variadas vertentes.

Tentaremos elucidar neste trabalho a teoria psicanalítica das psicoses, tal como elaborada por Jacques Lacan, e investigar a possibilidade de abordagem do psicótico pela psicanálise, já que, nos disse Lacan, "o analista não deve recuar diante da psicose."

Segundo Alain Juranville, a descoberta freudiana do inconsciente se efetua, em Lacan, no discurso psicanalítico, que é e afirma o real, enquanto elemento mais secreto do desejo humano. O pensamento conceitual só se desenvolveria plenamente, entretanto, no discurso filosófico, que poderia ir além da verdade parcial do inconsciente, a qual não se situaria em nenhum sistema. Por um lado, o discurso psicanalítico seria para a filosofia o real que coloca problemas. Por outro lado, a

psicanálise precisaria do pensamento conceitual e do discurso filosófico.

Quando Lacan propõe a teoria do significante, ele faz aparecer o real: o efeito de sentido, irreduzível e essencial, só pode aparecer a partir da falha significante, do real, dimensão fundamental do discurso psicanalítico. Como na psicose parece haver uma lógica que escapa à cadeia significante e reenvia ao real, nossa proposta é pesquisar como a psicanálise de Freud e Lacan nos possibilita encará-la.

Dentro dessa proposta, começaremos por uma leitura do caso Schreber através da teoria lacaniana e apresentaremos o caso de um paciente psicótico em análise. A seguir, tentaremos elaborar teoricamente essa clínica através das contribuições de Gérard Pommier, que nos propõe uma lógica das psicoses coerente ao campo freudiano. Para elucidar, através do discurso filosófico, os conceitos lacanianos utilizados por Pommier, reportaremos-nos a Alain Juranville. Retornaremos, finalmente, a Lacan, que com o conceito de angústia nos remete ao afeto, sinal de alguma coisa que, como a psicose, escapa ao significante. Assim se colocam as questões: o que o discurso psicanalítico pode trazer de novo à abordagem das psicoses? Pode o discurso filosófico dar conta deste real?

CAPÍTULO I

SCHREBER, A FORCLUSÃO E O GOZO

Inicialmente faremos um estudo do caso Schreber, desde a interpretação de Freud até suas leituras mais recentes através da teoria lacaniana. Para entender o que Lacan chama de estrutura psicótica¹, tentaremos articular a definição da psicose pelo conceito de forclusão, num primeiro momento, com a definição pela via do gozo, num segundo momento.

Começemos por um pequeno resumo do caso Schreber:

Schreber publicou suas memórias², que foram tomadas por Freud para suas "Observações Psicanalíticas sobre um caso de Dementia Paranoide"³. O próprio nome do artigo revela uma incerteza quanto ao diagnóstico, tido em alguns momentos como Esquizofrenia Paranoide e noutros como Paranóia. O diagnóstico em questão importa-nos pouco, já que estamos falando genericamente da estrutura psicótica, ligada a não entrada no Édipo.

¹ "Falar da psicose ao invés de as psicoses é acentuar que a psicose é uma estrutura clínica." (Cf. QUINET, A. Clínica da Psicose. Publicação dos Seminários da Clínica Freudiana. Salvador, Fator, 1986, p. 8).

² SCHREBER, D.P. Memórias de um doente dos nervos. Trad. Marilene Carone. Rio de Janeiro, Graal, 1984.

³ FREUD, S. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia. In: Ed. St. Bras. Vol. XII. Trad. Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1976.

Daniel Paul Schreber era um advogado bem sucedido, fi lho de Daniel Moritz Gottlieb Schreber. Sua primeira crise ocorreu em 1884, aos 42 anos, após uma derrota em eleições parlamentares. Internado por um ano na clínica do Dr. Paul Flechsig, saiu curado com um diagnóstico de hipocondria.

Em 1893 foi nomeado presidente do tribunal de Dresden, quando passaram a surgir-lhe idéias hipnagógicas de que seria muito agradável ser mulher e submeter-se à cópula. Quatro meses depois assumiu a presidência, mas logo foi reinternado em crise delirante de caráter psicótico. Recebeu alta em 1902, sendo considerado apto para suas funções, embora continuasse com suas idéias delirantes. Em 1907 sofreu nova recaída e foi reinternado, vindo a falecer em 1911, no sanatório.

O sistema delirante schreberiano consistia na convicção de que Schreber devia tornar-se mulher, ser fecundado por Deus e dar origem a uma nova raça de homens, devolvendo a bem aventurança perdida à humanidade.

Freud refere o delírio de Schreber ao que ele denomina o estágio narcisista no desenvolvimento da libido. O indivíduo evoluiria de um estado auto-erótico para uma eleição objetal, tomando a si próprio como objeto amoroso, depois alguém do mesmo sexo e finalmente um objeto heterossexual. Toda fixação ou regressão a essa fase seria responsável por uma homossexualidade latente ou declarada. O sujeito poderia defender-se contra essa regressão através de um delírio paranóico. O delírio de perseguição inverteria o amor em ódio, projetado no objeto perseguidor, uma pessoa anteriormente amada ou um representante dela.

Para Freud, a psicose se caracteriza por um refluxo

da libido sobre o sujeito, o que explica os traços de megalomania presentes nos delírios paranóicos e esquizofrênicos. Estes devem compreender-se como uma manifestação do inconsciente do sujeito, um modo de realização de desejos, um esforço de reconstrução dos objetos anteriormente desinvestidos. Schreber, para defender-se de suas pulsões homossexuais, teria voltado sua libido sobre si mesmo, tentando então superar o autismo pela satisfação de seus desejos homossexuais no delírio.

Para Freud, no "recalque" psicótico⁴ o significante está instalado no real e sobreinvestido, excluído do inconsciente, enquanto sua carga libidinal reflui para o eu. O psicótico tenta reinvestir libidinalmente as coisas, mas só consegue revestir as palavras.

Falta a Freud um elo que una os diversos elementos de sua doutrina da psicose, o qual Lacan vai forjar, transformando o conjunto na estrutura psicótica.

Lacan mostra como as diversas renúncias impostas ao sujeito: nascimento, desmame, alienação na imagem especular, in

⁴ Freud pergunta-se qual o mecanismo, análogo ao recalque, que especifica a psicose (Cf. FREUD, S. Neurose e Psicose. In: Ed. St. Vol. XIX. Op. cit., p. 193), para ele, muito mais eficaz do que o mecanismo da neurose. Entretanto, "o texto em que Lacan preferiu apoiar-se para promover a noção de forclusão é o de 'O Homem dos Lobos', em que as palavras *verwerfen* e *Verwerfung* surgem por diversas vezes." (LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.-B. Vocabulário da Psicanálise. 3.ed. Lisboa, Moraes, 1976, p. 572). Ver FREUD, S. História de uma neurose infantil. In: Ed. St. Vol. XVII. Op. cit. Ver também LACAN: "quelque chose de primordial quant à l'être du sujet n'entre pas dans la symbolisation, et soit, non pas refoulé, mais rejeté." (LACAN, J. Le Séminaire. Livre III. Les Psychoses. Paris, Seuil, 1981, p. 94). "Il s'agit du rejet d'un signifiant primordial dans des ténèbres extérieures, signifiant qui manquera dès lors à ce niveau. Il s'agit d'un processus primordial d'exclusion d'un dedans primitif, qui n'est pas le dedans du corps, mais celui d'un premier corps de signifiant." (Idem, ibidem, p. 171).

trusão, Édipo e castração o estruturam a um nível de integração cada vez mais elevado⁵. A pulsão de morte seria a tentação de não seguir adiante, desprezando a implacável necessidade de renúncia ao gozo.

O sujeito tende a superar o trauma do nascimento na união dual com a mãe. Passa então por decepções progressivas. A imagem especular tenta superar a ameaça do desmame, conferindo-lhe uma unidade imaginária, mas abrindo uma nova fenda: o eu da imagem especular é também outro, com o qual a coincidência é impossível. O sujeito se coloca então imaginariamente como sendo ele mesmo o que preenche toda falta, sobretudo o que falta à mãe: o falo. Tal identificação ao falo deverá ser superada para que se converta em sujeito do desejo. O Complexo de Édipo aparece como eixo fundamental, que revela ao sujeito o lugar do pai. A metáfora do Nome-do-pai vem substituir o sujeito que imaginava preencher o desejo da mãe, obrigando-o a submeter-se à lei. Poderá daí em diante ter ou receber o falo, alcançando ele mesmo o desejo.

Quando o sujeito não entra no Édipo, fica bloqueado em sua posição de falo materno e sobrevém a psicose. Nessa, o significante paterno não foi adquirido. Portanto, em 1956⁶, Lacan refere o mecanismo específico da psicose à forclusão, que consiste na rejeição de um significante primordial – o falo enquanto significante do complexo de castração – para fora do u-

⁵ Ver LACAN, J. A família. Lisboa, Assírio e Alvim, 1981.

⁶ Ver LACAN, J. D'une question préliminaire a tout traitement possible de la psychose. In: Écrits. Paris, Seuil, 1966.

niverso simbólico do sujeito⁷. O significante forcluído não está integrado ao inconsciente e retorna no real sob a forma do fenômeno alucinatório. No ponto onde é chamado o Nome-do-pai, responde no Outro um simples buraco. O falo enquanto símbolo está excluído do inconsciente do sujeito.

Godino Cabas vai reler o caso Schreber, situando um eixo da análise no campo da identificação⁸. Para ele, o delírio homossexual revelaria um fracasso na identificação e, portanto, na operação paterna, o que estaria de acordo com a projeção, mecanismo constitutivo da agressividade, própria do estágio do espelho e da constituição das imagos identificatórias do sujeito: as imagens do delírio de Schreber falam de uma crescente feminização, da fragmentação corporal (coerente com a projeção) e da onipotência narcísica.

Schreber não tem filhos e sua entrada na psicose se dá justamente na época da perda de sua potência viril, quando também é nomeado para presidir o tribunal. Assim, a psicose parece ser um fracasso na realização da agressividade narcísica em relação ao rival e um fracasso na assunção do lugar do pai. A feminização é a alternativa de reorganizar-se tomando a mãe como Ideal do Ego. Identifica-se com a mãe para converter-se na esposa do pai, simbolizado por Deus.

⁷ Forclusão é uma versão brasileira do termo *forclusion*, termo francês tomado do âmbito jurídico. Um processo jurídico está *forclos* quando não se pode recorrer, por se ter perdido o prazo legal: é um processo acabado legalmente e inexistente. A forclusão seria então a exclusão de um direito, de uma faculdade não utilizada em tempo útil. (Cf. QUINET, A. Op.cit. p. 23).

⁸ Ver GODINO CABAS, A. Curso e discurso da obra de Jacques Lacan. São Paulo, Moraes, 1982.

O estilo do delírio psicótico expressa a não elaboração do outro enquanto sujeito da função paterna. A sexualidade de Schreber visa um gozo vinculado ao pai. Seu delírio afirma que o pai (Deus) não entende os vivos, assim como Schreber não entende o que é um pai. No fracasso da castração se configura um fantasma de morte, na figura do Deus perseguidor. Na etiologia do delírio podemos encontrar um pai excessivamente presente no corpo de Schreber, através dos ideais de correção do corpo infantil do Dr. Daniel Moritz Gottlieb Schreber.

A reinternação de Schreber em 1907 ocorre após a adoção de uma criança por sua mulher, novamente obrigando-o a cobrir a carência simbólica do lugar de pai com um delírio.

As figuras referenciais do símbolo da paternidade para Schreber são Flehsig e Deus. Substituem sua relação com o pai através dos deslocamentos do nome Gottlieb a Deus e do nome próprio Paul a Flehsig. A idéia de transformação corporal no delírio é propiciada pela intervenção médica de Flehsig e pela preocupação do pai em aperfeiçoar o corpo infantil.

Se a função do pai não se constitui, Schreber não tem acesso à linguagem como código. Portador de um código falho, não pode emitir mensagens, não pode dizer "Eu". Assim Schreber tenta forjar seu próprio código através de sua produção delirante - alucinatória. Nele fracassam o lugar do Outro e o do Sujeito. Suas alucinações são a tentativa de produzir um lugar que falta na sua organização simbólica.

Para que o inconsciente se estruture, o sujeito, em contato com um objeto primordial O, representado pela mãe, ajusta-se a uma imagem ideal de si mesmo, I, apontada pelo olhar materno e cujo referente é o pai. Esta estrutura é captã-

vel pelo *infans* como a incidência do simbólico, Outro, que apresenta as marcas do complexo de castração inscrito nos pais. O que falta em Schreber é a articulação entre o objeto e a imagem do sujeito. O complexo de castração é a elaboração deste lugar, para o qual se orienta o olhar da mãe: o lugar do pai. Na psicose fracassa a construção do Outro. A mãe determina uma imagem ou ideal, mas enquanto o pai não ingressa como instância que oferece suporte a esse ideal, o indivíduo tem que produzi-lo com seus próprios recursos.

Para Lacan, na psicose degenera a estrutura: não há registro simbólico nem conseqüentemente registro imaginário que dele derivaria para ordenar a realidade. Esta aparece como uma eclosão de fatos brutos sem sentido. A psicose é o efeito da impossibilidade de circunscrever uma realidade na trama simbólica. A falha na simbolização é também a impossibilidade de constituir uma lei, lei da regularidade na fala. Ao fracassar a regularidade, Schreber conclui que não é entendido por Deus. A ordem divina é uma ordem caótica. O discurso de Schreber não tem legalidade, regularidade. Por isso tenta em vão construir um código. Não pode tampouco constituir um objeto sexual, pois não tem simbolizada a regularidade das relações, não elaborou a diferença sexual anatômica que lhe permitiria enunciar-se como homem ou mulher. Não sabe quem ser para quem.

Schreber não pode constituir um objeto cuja marca recalque. A constituição do inconsciente se realiza pela associação da pulsão a determinados objetivos propostos pelos pais. A função parental piloteia as pulsões, ligando a necessidade à satisfação. Daí se depreende um resto correspondente à constituição do objeto. A constituição de um objeto sexual é simultâ

nea à organização das pulsões, que é um efeito da operação do Outro. A ausência dessa operação deixa suas marcas na organização pulsional. Se o Outro, enquanto simbólico, é uma matriz das relações, a psicose é uma tentativa de simbolização da legalidade das relações. Assim, para Godino, é possível que a terapia comunitária seja uma possibilidade de tratamento, pois o grupo pode funcionar como um marco para essa elaboração, já que no seu meio se intercambiam funções.

Essa ausência da operação do Outro, que deixa suas marcas na organização pulsional, faz pensar numa desorganização pulsional que nos remete à prevalência do gozo, a uma lei caótica e ao conceito de Superego desenvolvido por J.A. Miller, a partir de Freud e Lacan⁹.

Segundo J.A. Miller, em Freud o Superego é o inconsciente como lei. Ele se introduz na teoria para dar conta da coação do inconsciente sobre o sujeito. O Superego, na divisão do sujeito, fica do lado da pulsão de morte. Ele questiona o bem enquanto bem-estar ou prazer do sujeito. Está do lado do bem absoluto, do gozo, oposto ao bem-estar. O Superego exige o gozo e isso equivale a uma interdição, pois gozar é impossível. O desejo é justamente o efeito desse impossível. O Nome-do-pai é uma instância de normalização do desejo. Metaforiza o desejo da mãe, dando lugar à função fática. Quando o gozo não se torna fático, temos a psicose. Schreber vive no gozo por não ter adquirido o significante do gozo. Assim, quando falta o Nome-do-pai que coordena o gozo com o falo, o sujeito fica sob o ju

⁹ Ver MILLER, J.A. Clínica del Superyó y Teoría de los goces. Conferências Portenãs, sept. 1981.

go do Superego.

O Superego é portanto a lei insensata, lei do gozo puro, que se refere ao desejo materno não metaforizado pelo Nome-do-pai, oposta à lei socializante. É um efeito da forclusão da lei simbólica, preço pago pela prevalência do imaginário, caracterizado pela beatitude sem medida e pela ameaça do Superego. Não podemos reconhecer aqui o gozo de Schreber e sua perseguição por Deus? Pois o Deus de Schreber é a imagem dessa lei insensata que trabalha contra a ordem do mundo. E a feminização de Schreber é a identificação com a figura materna não submetida à lei da palavra, nadando no gozo sem limites.

Enquanto o desejo está ligado à cadeia significante e é móvel, o gozo se enraiza no corpo e está excluído dessa cadeia. O significante é o que separa o gozo do corpo. O desejo é uma barreira ao gozo fundada na linguagem. A castração inaugura o sujeito ao separá-lo do gozo do corpo. Em Schreber, o gozo evacuado do simbólico reaparece no real: a mulher aparece no real: é Schreber feito mulher, de quem Deus deve gozar.

Freud situa o Superego no declinar do Complexo de Édipo porque ele é um chamado ao gozo, a não castração. O que nos protege de escutar a voz que ordena o gozo do real, é precisamente o significante da castração. Em Schreber se conjugam a voz e o gozo na ausência da castração. Ele conjugua o Outro do significante ao Outro do gozo. A Paranóia é a identificação do gozo no lugar do Outro. O Superego só encontra seu lugar na estrutura a partir da exclusão interna do gozo em relação ao simbólico. Quando isso ocorre, o Superego permanece no sujeito como objeto "a" voz que se confunde com a consciência moral.

Colette Soler, propondo um caminho de abordagem do

psicótico, pergunta onde fica a forclusão para quem J.A. Miller chama um outro Lacan¹⁰. Ou seja, quando Lacan introduz na estrutura um elemento heterogêneo ao significante, a forclusão continua sendo a chave de aproximação da psicose? Cremos poder responder afirmativamente a esta questão, a partir do que foi dito acima a respeito do gozo. Senão, recapitulemos, com ela mesma:

Lacan definiu a forclusão como a falta de um significante: o Nome-do-pai, e de seu efeito metafórico. Não se percebe a forclusão, mas seus efeitos. A estabilidade e a ordem da relação perceptiva à realidade é função de fenômenos significantes. A psicose é portanto uma ordem do sujeito onde há perturbações significantes, efeitos imaginários e compensações significantes¹¹. A psicose nos apresenta um sujeito não inscrito na função fálica. Schreber nos mostra o que advém do significante, do Outro e do objeto quando eles não são coordenados à função fálica. O gozo de Schreber coordena-se à imagem do corpo próprio por um lado e ao simbólico por outro lado, pela convicção de ser a mulher de Deus, graças à qual ele se renomeia. O delírio consegue então prender o gozo nas malhas de um cenário fantasmático pelo qual ele é coordenado ao imaginário e ao simbólico.

¹⁰ Ver SOLER, C. La Psychose: problématique. Conférence faite à Paris en Nov. 1982.

¹¹ "Le sujet, faute de pouvoir d'aucune façon rétablir le pacte du sujet à l'autre, faute de pouvoir faire une quelconque médiation symbolique entre ce qui est nouveau et lui-même, entre dans un autre mode de médiation, complètement différent du premier, substituant à la médiation symbolique un fourmillement, une prolifération imaginaire... Le signifiant lui-même subit de profonds remaniements, qui vont donner cet accent si particulier aux intuitions les plus signifiantes pour le sujet." (LACAN, Le Séminaire, Livre III. Les Psychoses. Op. cit., p. 100-1).

Quando relemos Schreber com as elaborações posteriores de Lacan sobre o objeto "a" e o gozo, encontramos em Schreber uma acentuação desse registro. Ele declara abertamente a presença do gozo desde o início, contrariamente ao que se passa na neurose. Os temas do fantasma delirante podem reduzir-se a: "Querem gozar de mim." Poder-se-ia falar de uma exibição de gozo e um dos objetivos do tratamento é barrar esse gozo.

Como articular a definição da psicose que identifica o gozo no lugar do Outro com a abordagem pelo significante?

A incidência do Nome-do-pai sobre o gozo se exerce como sua limitação. É o significado da interdição do incesto, graças à qual o homem não fica ao serviço sexual da mãe. Nome-do-pai → castração do gozo → desejo, definido como barreira ao gozo. O Nome-do-pai situa o desejo do lado do Outro e o separa do gozo, que fica do lado da coisa. Assim, a forclusão é a causa de que o gozo fique no Outro. Schreber faz um uso do significante que não o separa do Outro, ficando ao serviço sexual Dele.

Na "Questão preliminar" já há a idéia de que a forclusão pode ser compensada, o que se deduz por outro lado do fato de que a psicose se desencadeie num momento dado. O que permitiria evitar o seu desencadeamento seria a identificação pela qual o sujeito assume o desejo da mãe. O apelo vão ao Nome-do-pai é o que abala essa identificação postiça. O psicótico até então fazia "como se" e aqui se desencadeia a dissolução do imaginário.

O trabalho do delírio constrói uma metáfora de substituição — é o que também nos diz Godino ao apontar o trabalho delirante de Schreber. "Você será uma mulher" entra no lugar

da significação fálica em falta. Podemos situá-la como suprimimento significante com efeitos imaginários¹². Os objetivos eventuais de um tratamento visariam precisamente construir um sintoma de suprimimento. Vê-se aqui quão perniciosos podem ser para o psicótico os tratamentos que simplesmente lhe arrancam o delírio, deixando-lhe um verdadeiro vazio.

A aproximação da psicose por via do gozo, proposta por Lacan, permite ver um aspecto desses suprimimentos que operaria uma restrição ou localização do gozo. É o que se chama em psiquiatria delírio parcial. Vemos isso em Schreber, que no início se banhava no gozo e que depois conseguiu localizá-lo no quadro do seu fantasma de cópula com Deus, reservado aos momentos de solidão, quando em frente ao espelho contemplava sua imagem feminina. Frente ao gozo, o tratamento visaria dar-lhe limites, coordenando-o a um significante.

Como operar com o psicótico pela transferência, porém, se esta funciona como um apelo ao Nome-do-pai e, portanto, como fator desencadeante? Cabe aqui distinguir o sujeito pré-psicótico (antes do desencadeamento), do sujeito já psicótico. Com esse o analista tentaria se incluir no trabalho de restauração. Como se colocar nesse vínculo com o psicótico? O analista teria que se apresentar como testemunho da ordem do mundo, oposta à desordem do Deus de Schreber. É possível operar desse lugar, diferente do lugar do perseguidor? É possível com o significante tocar o real do gozo?

¹² "O delírio se encontra aplicado como um remendo no lugar em que originalmente uma fenda apareceu na relação do ego com o mundo externo." (FREUD, S. Neurose e Psicose. In: Ed. St. Vol. XIX. Op. cit., p. 191).

CAPÍTULO II

UM PSICÓTICO EM ANÁLISE

Pode-se conceber uma análise que escuta o que se diz do lugar da psicose? Como vimos, Lacan nos fala da possibilidade de uma compensação da psicose por um suprimento significativo: frente ao gozo do psicótico, o tratamento visaria dar-lhe limites. É possível com o significante tocar o real do gozo? Ou a psicose escaparia a qualquer abordagem exclusivamente através da linguagem?

Para situar melhor essas questões, teceremos algumas considerações sobre o caso clínico de um paciente com o qual um analista vem trabalhando há quase três anos, durante os quais já representou múltiplos papéis.

Trata-se de um paciente psicótico que o procurou com uma demanda de análise. Ele tinha então 30 anos e estava em tratamento psiquiátrico desde os 20, quando apresentou um episódio delirante de caráter persecutório com alucinações verbais¹³. Aos 26 anos esteve internado durante um mês, após uma

¹³ A alucinação é verbal, porque não redutível a um órgão dos sentidos. É a cadeia significante que se impõe ao sujeito na sua dimensão de voz. (Cf. QUINET, A. Op. cit., p. 24-5). "(...) Le sujet parle littéralement avec son moi, et c'est comme si un tiers, sa doublure, parlait et commentait son activité." (LACAN, J. Le Séminaire. Livre III. Les Psychoses. Op. cit., p. 23. Ver também p. 33).

tentativa de suicídio. Foi submetido a eletrosonoterapia e após a alta esteve muito apático e deprimido. Vinha fazendo uso regular de medicação anti-psicótica até que, conversando com uma amiga, decidiu-se a fazer análise. Seus quatro irmãos mais velhos fazem também tratamento psiquiátrico e foram diagnosticados como psicóticos. Sua família mereceria uma descrição por menorizada, mas isso foge aos propósitos deste breve relato.

Ele traz muitas recordações de experiências sexuais e homossexuais na infância e na adolescência; fez uso de drogas. Chegou a frequentar dois cursos superiores, abandonando-os. Na escola militou no movimento estudantil, hoje é militante de um partido político. Seu diagnóstico por ocasião da internação foi de esquizofrenia, segundo seu próprio relato.

No início do trabalho, passa por um período de grande inquietação e hostilidade. Queixa-se ostensivamente do silêncio do analista, que o deixa furioso. Chega a entrar novamente num quadro delirante de caráter místico, que é debelado com mudanças na medicação. Nessa época começa a falar em sua missão no mundo; ao mesmo tempo acha que tudo o que acontece, no consultório ou fora, se relaciona com ele ou lhe é dirigido. Pensa ser responsável pela vida dos familiares e ouve a voz do analista dizer: "Não se preocupe, nós vamos ganhar."

Passa depois por um período bastante produtivo, apesar de seu humor rotineiramente instável. Decide-se espontaneamente a utilizar o divã, o que faz irregularmente, às vezes durante apenas parte das sessões. Está sempre estudando, lendo e fazendo planos para ingressar novamente na universidade. Frequentemente reúne reuniões do partido, sai com algumas amigas e parece preocupado em ter suas próprias idéias, até discutindo psicanã

lise nas sessões. Fala em trabalhar, sem persistir nesse projeto a ponto de exercer qualquer atividade remunerada, a não ser nos últimos seis meses.

Aos poucos sua medicação vai sendo reduzida, enquanto ele se torna mais produtivo nas sessões, mas também mais inadequado, adquirindo uma certa intimidade no consultório. Qualquer corte de uma amiga ou do analista desencadeia reações de hostilidade ou apatia e indiferença. Busca harmonia com ele e a família; desenha seu corpo fundido ao dele e expressa o desejo de fusão com a mãe e o ódio ao pai.

Num desenho seu, metade do corpo é ele (homem) e metade o analista (mulher). Em outro ele está dentro do seu útero. Sonha nessa época que uma bala atinge a testa do pai e que beija os órgãos sexuais de uma menina quando o pai chega. Fala de sua indiferença sexual e relata fantasias de violência homossexual. Diz do seu medo de ser homossexual, ao mesmo tempo em que se diz bissexual: "Quando eu puxava fumo, tinha uma sensibilidade feminina, como se tivesse seios." Seu desenho favorito é um cartaz chamado "As mulheres", onde elas se encontram em várias posições, fundidas umas às outras, sem as extremidades dos corpos. Um dia diz que não desenha mãos e pés porque acha que o homem está se desintegrando. Pensa que seu destino é ser mesmo alguém solitário, mas aspira a ser um cientista famoso: "Darwin fez a teoria da seleção natural, eu poderia fazer a da seleção cultural." Planeja obsessivamente seu estudo e trabalho, plantando no sítio do pai. Cuida mais de sua própria aparência e quer a aprovação do analista para o que faz.

Em virtude da supervisão do caso e conseqüente entra

da de um terceiro, o analista começa a rever sua postura e a introduzir cortes nas sessões. O paciente torna-se mais deprimido e reduz sua frequência a elas. Às vezes traz presentes, recusa-se a falar e tem ciúmes dos outros clientes. Traz um livro chamado "Conservação ambiental" e outro com a dedicatória: "Duas partículas sonham ser um GEM, elas ainda não se encontraram... GEM = Grupo de estudos médicos ou grupo de estudos de mulheres." Começam a surgir idéias persecutórias: tem medo de uma revolução armada pelo seu partido. Torna-se bastante hostil e excitado e agride o analista verbalmente de forma muito rude. Fala abertamente do desgosto que sente pelos órgãos sexuais que, afirma, sua mãe uma vez quis mostrar-lhe. Relata experiências sexuais traumáticas que teve com prostitutas e o seu pavor por ocasião de um ferimento no pênis. Lembra-se de ter visto numa revista um aspirador de pó numa vagina... Diz que a mãe teve um corrimento e que ele foi acusado de tê-lo passado para ela; quando feriu o pênis, "germes oportunistas" o infectaram. Nas suas falas percebem-se interpretações delirantes e idéias de grandeza: "Não quero ser outro Schreber ou outro Nietzsche, só ficar famoso depois da morte." Ao mesmo tempo, planeja montar um grande negócio com sua mãe. À medida que o analista vai introduzindo cortes, tenta ligar-se a ele, mesmo que de uma maneira inadequada e delirante: "Quero uma mulher médica para cuidar de mim e eu dela. Não é parasitismo, é cooperação; quero me internar no seu hospital." Muito agressivo, oscila entre seu ódio ora à mãe, ora ao pai. As coisas que diz ou escreve denunciam uma grande fragmentação; fala de fraturas e pede alguma forma de contenção: "Ordem e Progresso", pede ele num desenho da bandeira do Brasil.

Lembra-se de ter visto o pênis de seu pai e tê-lo de sejado, para na sessão seguinte dizer que resolveu ser homem e não homossexual. Tudo culmina, uma semana depois, numa agressão física ao pai, com quem mantém uma relação nitidamente especular. Não estaria aí um exemplo vivo do que Lacan chama a forclusão do Nome-do-pai, tornando insuportável a figura do pai¹⁴? A consequência é sua internação voluntária num hospital psiquiátrico, onde o analista vai vê-lo. Encontra-o delirante, hostil e ansioso, pedindo para dar um tempo na análise.

Após a alta, volta a procurar o analista. Está sendo medicado pelo médico da família, tendo passado por uma série de eletrosonoterapia. Retorna deprimido, com uma nota de hostilidade e esquecido de alguns fatos que se passaram antes e durante a internação. O analista não aceita mais medicá-lo como anteriormente, e estabelece-se uma nova distância. Volta a ouvir vozes e a falar delas. Se o analista teme desencadear nova crise ao estabelecer cortes, será permitindo que ele pense ser um grande articulador, como uma voz lhe diz que é, que estará tocando o real do seu gozo com o significante?

Tentemos teorizar sobre a direção dessa cura. O analista começa a atender este paciente numa postura acolhedora, permitindo uma aproximação por vezes perigosa e prejudicial para um posterior desligamento. Poder-se-ia dizer que a criança tem que passar por um período de união dual com a mãe para chegar à castração, mas seria esse o caso no tratamento do psicótico? Em todo caso, o analista prescreve sua medicação, aco-

¹⁴ A proliferação da imagem paterna é para Lacan, a nível do imaginário, um dos efeitos da forclusão do Nome-do-pai (Cf. QUINET, A. Op. cit., p. 61).

lhe-o, tenta aliviar a angústia. De quem? perguntaríamos. Quando a hostilidade se torna insuportável, ou por outro lado, a erotização começa a emperrar o trabalho, ele interpreta. Não sabe se é correto, mas facilita o trabalho. À medida que o paciente vai se tornando mais produtivo, a medicação vai sendo reduzida. Parece, no entanto, que os momentos de maior produtividade são também momentos de uma excitação tão intensa que chega a desorganizá-lo. Aqueles de maior produtividade nas sessões são momentos de uma ansiedade quase insuportável. É como se Isso estivesse ali falando, e isso dá um certo pânico...

A análise se torna mais produtiva à medida que o analista adota uma postura menos acolhedora e passa a introduzir cortes: cortes nas sessões, na medicação, nos telefonemas, nas respostas a suas demandas, enfim, nos privilégios costumeiramente permitidos aos pacientes psicóticos. Mas, teriam os cortes também levado ao surto? Vale a pena não cortar e mantê-lo mais tranqüilo? Não perguntar e ser mais acolhedor? O que seria exatamente, nesse caso, fornecer um suprimento significativo?

Não o medicando mais, está o analista ocupando um outro lugar? O remédio pode ser usado como um significante? Ou como um corte? Como ser analista de um psicótico? Uma análise não se faz sem angústia, bem o sabemos. O que fazer então com a angústia que surge na análise do psicótico?

O que teria desencadeado o retorno das vozes? O que é isso que está vindo no real? Ele ouve a voz do analista: "Você está me enterrando." Na próxima sessão este pede que fale disso. Não sabe o que dizer. Não gostou de ouvir aquilo e acha que seu caso é muito difícil, um caso importante. Nessa rela -

ção especular, seria enxergar curto demais pensar que seu desejo de ser alguém, alguém importante, se realiza na idéia de estar enterrando o analista? Ou seja, "sou alguém tão importante que posso até te enterrar", ou, "sou alguém, nem que para isso tenha que te enterrar..." Lembremo-nos da alucinação da paciente de Lacan: "Venho do salsicheiro" - "Porca"¹⁵. A alucinação não é a maneira de ser alguém, quando se vive uma experiência de fragmentação?

Como não houve nenhum delírio sistematizado, a destruturação evidente no paciente faz pensar num quadro esquizofrênico, levando em conta a evolução do caso desde o início. Para formular um diagnóstico, cremos que valeria a pena nos debruçar com rigor sobre o material das sessões, sobre as nuances da relação do paciente com seu pai e sua mãe e sobre o lugar que ele tenta ocupar no cenário analítico. Trabalho que forçosamente deixaremos para um momento posterior.

Retomemos então a questão: como tocar o real do gozo com o significante, se os cortes parecem desencadear um novo episódio delirante, o silêncio despertar a hostilidade mais real e as interpretações cair no registro delirante? Lacan dizia que o delírio se exprime na linguagem comum por não poder se servir de outra...¹⁶ Assim, como trabalhar no registro do significante com o psicótico?

¹⁵ Ver LACAN, J. Le séminaire. Livre III. Les Psychoses. Op. cit., p. 60.

¹⁶ "Le malade, pour exprimer la conviction délirante, symptôme de son trouble, ne peut se servir que du langage commun, qui n'est pas fait pour l'analyse des nuances morbides, mais seulement pour l'usage des relations humaines normales."
(LACAN, J. De la psychose paranoïaque dans ses rapports avec la personnalité. Paris, Seuil, 1981, p. 105).

Teremos que tentar entender que linguagem fala o psicótico, pois que ele fala¹⁷. Se ele não fala no registro da linguagem compartilhada por nós, como pretender analisá-lo? Para tentar tocar o real do gozo-com o significante, é necessário reconhecer a dimensão do real na análise. Pois, a psicose não tem também a sua lógica, embora distinta da lógica da neurose?

Terminaremos este relato com um fragmento de uma das sessões mais recentes: "Vivo num quarto onde três paredes são espelhos e a outra tem uma janela com um vidro translúcido, que não deixa ver direito lá fora, mas que dá para me ver também. Às vezes eu abro a janela, mas aí vejo que tenho que trabalhar, me levantar cedo... Eu sonho sempre que meu pai vai ganhar na loteria, que vou ganhar... Prefiro ficar olhando nos espelhos..."

¹⁷ Para Lacan, o psicótico está fora do discurso como liame social, e não fora da linguagem. Na psicose há S₁ e S₂ e há sujeito, mas, como não há recalque originário, S₁ e S₂ permanecem colados e o sujeito tem uma relação anômala com o significante. (Cf. QUINET, A. Op. cit., p. 42 e LACAN, J. O Seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985, p. 225).

CAPÍTULO III

O REAL NA ANÁLISE DO PSICÓTICO

Tentaremos resgatar a dimensão do real na análise do psicótico, da qual vimos a necessidade no capítulo anterior, seguindo Gérard Pommier, que vai nos apontar um caminho de abordagem às psicoses ao nos propor a questão da existência de uma lógica da psicose¹⁸.

Pommier começa nos dizendo que o homem parece guiar-se na vida por critérios que ele chama da ordem do gozo, que o levariam a desafiar suas necessidades imediatas e até a morte, critérios pelos quais se regularia à sua maneira a psicose.

Para Pommier, o ser tenta se definir no lugar onde foi desejado por um primeiro Outro da linguagem, encarnado pela mãe, que oferece sua estrutura significante à necessidade, estabelecendo sua relação à demanda e ao desejo. Mas esse conjunto de signos que é o Outro não permite definir um ser, que permanece *en souffrance*, pois o que a mãe demanda permanece obscuro. Assim, a questão do ser não se resolve e o gozo se revela impossível, na medida em que o ser humano fala. Pois enterar-se no vazio de um Outro incompleto, identificar-se ao bura

¹⁸ Ver POMMIER, G. D'une logique de la psychose. Paris, Point Hors Ligne, 1983.

co, a falta que centra a estrutura, ou seja, gozar, implicaria no desaparecimento do ser que se submetesse a esse gozo. É o interdito que o pai traz sobre o gozo que permite existir. "Dizer que não" impõe a formação de uma frase que queira dizer alguma coisa, diferente de gozar. "Dizer que sim", forclusão do Nome-do-pai, significa uma dissociação do código e da mensagem e a manutenção do gozo.

Na clivagem do eu - *Ichspaltung* de Freud, a imagem do corpo é alienada no Outro. A regressão tópica ao estágio do espelho é a fixação ao reflexo. Na "transferência", o outro a quem a palavra se endereça é também este Outro da linguagem que busca gozar do corpo visto além do sexo, o que barra a transferência a um suposto saber e fracassa num amor persecutório.

A negação, a dissociação do código e da mensagem, a clivagem do ego e o problema da transferência são os pontos nos quais Pommier vai se apoiar para nos propor uma lógica da psicose que se pretende coerente ao campo freudiano.

A Negação como Condição de Existência

Sigamos Pommier na sua leitura de Freud: no "Projeto"¹⁹, Freud expõe uma concepção da memória de importantes conseqüências: um primeiro grito emitido pela criança permite a inscrição de um traço mnésico e funciona como apelo, sendo interpretado pelo Outro que lhe é anterior. A fome, a sede, etc.,

¹⁹ Ver FREUD, S. Projeto para uma Psicologia Científica. In: Ed. St. Vol. I. Op. cit.

são atribuídos ao grito, ocorrendo o julgamento de atribuição nesse espaço de compreensão mútua. O primeiro grito faz memória e um segundo grito pode ser reconhecido: assim se define o par significante S_1-S_2 do qual o sujeito se deduz.

O sujeito está então alienado no campo de um Outro do qual toda significação depende. O que é atribuído permanece eficaz se a marca de origem, o desejo do Outro, for denegado, autorizando o emprego dos significantes atribuídos.

Essas duas etapas da negação correspondem aos julgamentos de atribuição e de existência freudianos, e poderiam ser assim esquematizados:

- 1º tempo: emissão do primeiro grito na presença do Outro, O "quem sou eu?" é o efeito de uma mensagem recebida sob forma invertida: "você é...". S é o sujeito bruto do prazer, no imaginário.
- 2º tempo: atribuição: o Outro atribui uma significação ao som, interpretando-o como uma demanda. S se transforma em $\$$, sujeito barrado de uma demanda ($\$ \diamond D$), que tem como perspectiva o falo como o que responderia a ela. A fenda que separa este ser fálico e o sujeito que a ocasiona é o lugar de inscrição da pulsão.
- 3º tempo: existência: o som toma estatuto de significante e deixa para trás sua materialidade sonora. Este resto que não quer dizer nada é o objeto perdido, o objeto freudiano, designado por Lacan como pequeno "a", causa do desejo, que solda a entrada no simbólico. O movimento do julgamento de existência se figura pela

passagem de S a $\$$ e a ejeção do objeto "a".

4º tempo: o objeto "a" é o resto que revela o Outro como incompleto e destitui o sujeito da significação fâlica. O Outro se reduz à sua estrutura, ao significante que indica sua falta: S (λ).

O processo denegativo se opõe à significação fâlica, ao Um de Eros, da compreensão mútua. O "Nome-do-pai" interrompe a disseminação do falo, localizando-o. Memória do Um, o afeto é função de uma primeira simbolização primordial da qual ele guarda seu efeito. O intelectual fica do lado da concatenação significante, escapa-lhe a relação do sujeito ao ser, cujo recalçamento nenhuma significação pode levantar.

A questão do ser é o enigma: "quem sou eu para o Outro?". O ser é inicialmente esse defeito do simbólico, causa do desejo, recalcada, que no corpo do sujeito lhe responde no registro das pulsões²⁰.

A primeira operação (*Bejahung* = pura afirmação de Eros / *Ausstossung* = rejeição do sujeito da cadeia significante que ele institui) é imediatamente seguida da segunda operação, a denegação, graças à qual se afirma a existência.

20 "Há um ser do sujeito anterior à sua entrada na alienação significante. Este se encontra no registro do real, do vivente antes de emergir como sujeito do significante dividido." É o sujeito em sua inefável e estúpida existência do esquema L de Lacan. (Cf. QUINET, A. Op. cit., p. 40 e LACAN, J. D'une question préliminaire à tout traitement possible de la psychose. In: Écrits. Op. cit., p. 549).

O Imperativo e a Interrogação

A interrogação, segundo Pommier, significa um além da demanda. "O que você quer?" autoriza uma divergência da demanda e do desejo e envia uma mensagem de incompletude, declarando uma falta à qual o alocutor deve responder. Nas psicoses, o saber sobre o desejo expresso por comandos do tipo "eu sei o que você quer" dá ao sujeito um lugar de onde ele faz esse Outro gozar.

A denegação deixa em estado de questão a afirmação ôntica. Ela não é imperativa e nem tampouco referência indefinida ao desejo do Outro. No seu movimento se configuram a confissão de um desejo e seu interdito. Nenhum significante pode se definir sem chamar outro. É a inconsistência fundamental do simbólico que ocasiona as demandas. Sem essa falta, o Outro seria reduzido a um código estrangeiro do qual nenhum elemento faria sentido. Aquele que fala só pode se representar através de um significante que reenvia a outro.

A criança que percebe a falta do Outro imaginará que sua causa é a ausência do falo da mãe e tentará responder à sua demanda identificando-se ao falo imaginário. Já a questão: "O que você quer?" confessa a falta, a fenda do Outro, a castração da mãe. O falo aqui é simbólico, pois se reporta ao Nome de um pai suposto responder pela falta. A questão se endereça ao Outro e retorna desse lugar onde esse Outro pode não ter resposta, interrompendo a regressão ao infinito das significações que ocorria a Schreber.

O Nome-do-pai dissocia a coisa do seu nome, destrói a relação especular, enquanto o imperativo denega a falta, quer

constituir um Outro íntegro, imagem da mãe fálica. A criança quer permanecer nessa posição de plenitude narcísica, onde nada lhe faltaria, que caracteriza o gozo em jogo na psicose. Identificar-se ao objeto da demanda do Outro é identificar-se ao falo imaginário, inicialmente homogêneo ao corpo próprio.

O Conceito de Recusa

Ainda segundo Freud, Pommier nos diz que o termo de forclusão não é o mais usado por ele a propósito das psicoses. Mais freqüente é o de recusa (*Verleugnung*)²¹, termo não específico às psicoses, interessando principalmente a perversão, estrutura que se isola a partir do recalque secundário; concerne mais freqüentemente à ausência de pênis na mulher e a um não reconhecimento da diferença anatômica dos sexos. Diretamente ligada ao reconhecimento da castração, interessa em graus diversos a todas as estruturas que se determinam a partir dela. Na neurose e na perversão, porém, a presença de um Nome-do-pai faz um ponto de interrogação que destaca o desconhecimento do objeto do desejo. O S (X) é representado por alguém, na neurose, ou alguma coisa na perversão, que testemunham a falta do Outro, destacada por um: "o que você quer?"

Na "Questão preliminar" de Lacan, Pommier nos indica a concepção lacaniana do lugar do Nome-do-pai. Não é uma atitude reverenciosa da mãe face aos pontos de vista do pai que ca-

²¹ Ver FREUD, S. A perda da realidade na neurose e na psicose. In: Ed. St. Vol. XIX. Op. cit.

racteriza a importância que ela dá à sua fala. A forclusão é marcada ao nível significante e não implica tampouco a ausência da pessoa do pai. O pai forcluído se encontra circunscrito à sua imagem de carne e osso, idealidade que exclui a função simbólica do Nome-do-pai. O Nome-do-pai autentifica o além de toda aparência à qual a demanda se consagra, atestando a antecedência do desejo sobre toda realização.

O ato de nomear faz em si mesmo corte, descolamento, sendo o buraco do simbólico perfeitamente compatível com a presença de um personagem imaginário. Já a carência do Nome-do-pai lhe deixa na frase o lugar de uma imagem: é a impossibilidade de fazer dele uma metáfora, o que repercute sobre a nomeação em geral. A palavra esvaziada do equívoco metafórico reencontra a coisa, formando essa linguagem descrita por Freud na esquizofrenia²².

A perfeita adequação da palavra e da coisa caracteriza o gozo do saber perfeito, absoluto. Quando o objeto suposto responder pelo gozo do Outro é designado sem metáfora, no seu real, quando um saber se expõe sobre esse gozo, o desejo desaparece como desejo de outra coisa. Esse saber se exprime na forma imperativa de um "eu sei o que você quer." Tal saber implica que é possível satisfazer o Outro. Tal como a perfeição exigida à criança, "sua majestade o bebê", ele tem como correlato uma recusa da sexualidade.

Se, nas neuroses e perversões, a recusa é simbolicamente uma forma de reconhecimento da castração, nas psicoses e

²² Ver FREUD, S. Artigos sobre Metapsicologia. O Inconsciente. Ed. St. Vol. XIV. Op. cit., p. 225-33.

la é uma consequência da forclusão: não se pode saber nada da castração²³.

O Uso da Linguagem nas Psicoses

Nas psicoses, prossegue Pommier, os signos são elevados à condição de significantes e fazem parte de um discurso, embora não haja sujeito possível para sustentar tal discurso. O delírio é formado de um conjunto de palavras com valor de signos que se encadeiam sem nenhuma consideração pela significação que um eventual interlocutor pudesse sancionar.

Com a invenção do neologismo vem a intuição de uma certeza, graças à redundância de uma palavra que encontrou sua origem e traz àquele que a enuncia a proximidade inefável de uma verdade.

A dissociação do código e da mensagem, consequência da forclusão do Nome-do-pai, faz com que o código se feche sobre si mesmo e não se coloque numa mensagem. A mensagem retorna de seu lugar de origem, de fora, do Outro.

A denegação funciona como ponto de encontro do código e da mensagem, sendo o motivo estrutural de sua ausência a forclusão do Nome-do-pai. Esta significa que o Outro não está em falta, pois cada significante que o constitui goza na sua completude, carência metafórica que desata código e mensagem. Se, no ser desejante, todo significante se define por um ou-

²³ Sobre a *Verdrängung*, a *Verleugnung* e a *Verwerfung*, ver LACAN, J. *Le Séminaire. Livre III. Les Psychoses*. Op.cit., p. 20-2, e 94-102.

tro, esta hipotética completude significa ausência de desejo.

Normalmente a frase deixa atrás de si um resto, onde subsiste o sujeito barrado do significante, que nunca poderá se realizar nesse último. O objeto, esse resto, equivale à barra sobre o sujeito, que resiste ao significante e à significação. Na psicose, diferentemente, o objeto "a" e o significante se equivalem e o desejo, ao invés de metonímico, se realiza na própria mostração das palavras.

A denegação faz com que o desejo do homem seja o desejo do Outro, autorizando uma existência que não se reduz a uma função de auxiliar desse Outro. A pulsão é o eco da demanda do Outro e o falo é o objeto dessa demanda.

A Metáfora Paterna

Pommier nos descreve então como se daria a passagem da identificação ao falo imaginário à identificação paterna, primeira identificação simbólica no sentido freudiano. Identificar-se ao falo imaginário é equiváler-se à significação enigmática do desejo da mãe, enigma que a metáfora paterna vem nomear e cujo efeito de significação é o falo simbólico.

A carência do significante paterno deixa o sujeito preso na identificação ao falo imaginário própria às psicoses, onde ele se deduz apenas do julgamento de atribuição, o que se acompanha de um sentimento de inexistência do sujeito, pois o falo imaginário da mãe não existe.

A metáfora paterna assenta a significação da mensagem sobre uma subjetividade, levando ao equívoco estrutural que

subsiste sempre no que é dito: ela afirma a presença do que fa la através do que ele fala, afirma o ser numa negação. A palavra é uma máscara no lugar de um rosto perdido.

Enquanto reduzida à sua sonoridade, cada palavra vale como objeto pulsional, razão do manejo das palavras como coisas nas psicoses. Já a metáfora possibilita o intercâmbio entre a pulsão e a significação. Uma metáfora será efetiva quando o outro, interlocutor, encarna o lugar do código em que todos os vocábulos caem num lugar preparado de antemão, com exceção da própria metáfora, graças à qual o que fala marca sua existência. O interlocutor é o Outro de onde a mensagem retorna sob uma forma invertida.

Pulsão e Falo

Para Pommier, a pulsão freudiana é uma primeira colocação da demanda do Outro como o conjunto de significantes que define a mãe para a criança. Essa demanda refende o sujeito e é motivada pela falta do Outro. Ela é centrada, portanto, sobre um buraco e por isso se focaliza sobre alguns órgãos como a boca ou o ânus. O objeto "a" é delimitado por tal borda pulsional. Pequeno "a" nomeia alguns objetos perdidos numa separação primitiva, constitutiva do próprio sujeito.

Desde Freud já havia um ponto de opacidade a propôsito da pulsão; não ignorância, mas reconhecimento do real em jogo. Com Lacan, esse real é escrito sob a forma de um matema: $\$ \diamond D$, sujeito barrado da demanda do Outro.

Inicialmente a pulsão é muda, mas ela produz efeitos

no discurso. A metáfora proporciona um intercâmbio entre a pulsão e o significante. Assim, se há forclusão, a pulsão se fará valer por outras vias, que ordenam logicamente as diferentes formas da psicose.

Para Freud, a pulsão é uma constante que está sempre buscando a descarga. O Um reenvia à união de Eros e o zero constitui o mais baixo nível de tensão com que Freud qualifica a pulsão de morte. Eros e Tânatos se misturam, pois, em toda pulsão.

A oposição pulsão de vida / pulsão de morte não é concebida então como entidade metafísica adicional, mas como vetorialização do trajeto de toda pulsão. Eros quer ajuntar numa unidade; Tânatos, baixando ao máximo a tensão, desagrega. Há imbricação pulsional na medida em que Eros encontra somente o vazio do objeto "a". Se Eros se une ao real de um objeto de gozo, há uma separação das pulsões de vida e de morte, pois a vertente de Eros se encontra "realmente" ocupada, deixando livre a pulsão de morte em estado puro.

A concatenação significante tem como razão o objeto "a", causa do desejo, objeto que a pulsão tenta cercar no seu percurso. Esse objeto designa o que do ser do sujeito não foi definido pelo significante. Ele significa a falta a ser, a causa do desejo, ponto vazio em torno do qual vem girar a pulsão.

A pulsão só é representável por uma outra representação. O objeto é signo da falta e é homogêneo ao falo enquanto ele falta. Enquanto o objeto pertence ao registro do real, porém, o falo pertence ao simbólico. A metáfora localiza, do lado do pai, uma significação fálica disseminada do lado do gozo da mãe, das pulsões.

O objeto designa um buraco do simbólico. Ele significa que um significante nunca poderá se definir a si mesmo, testemunhando ao mesmo tempo a divisão do sujeito e a incompletude do Outro. Esse ponto fixo dá expressão à indestrutibilidade do desejo e determina a permanência da pulsão.

A castração concerne ao falo e é o elemento de estrutura que virá dar uma homeostase ao conjunto das pulsões parciais. Na ausência da metáfora paterna não há homeostase da pulsão, do desejo da mãe, e ela segue seu trajeto acéfalo. Os efeitos da forclusão são parciais na medida em que a pulsão é parcial. O que funciona como significante de um lado tem valor de signo do outro. O gozo permanece impossível na medida em que o parcial da pulsão não permite atingir uma completude.

Objeto "a" e Psicose

Segundo Pommier, a imagem do objeto "a", $i(a)$, funciona como negação da castração do Outro, para que haja gozo. Sua função é mascarar a barra sobre o Outro. A fixação em $i(a)$ é o que Lacan descreve como a regressão tópica ao estágio do espelho. "a" designa a inconsistência do simbólico (desejo) e $i(a)$ lhe faz imagem (gozo).

Pommier nos diz que identificar-se ao objeto do gozo consiste em identificar-se à falta: nas psicoses, o sujeito se identifica a $i(a)$ segundo a via da pulsão oral ou a da pulsão escópica, o que especifica a forma que tomará a psicose.

Ele nos lembra que na "Questão preliminar" Lacan afirma que a psicose se desencadeia por ocasião do encontro de

um significante da paternidade em posição terceira, enquanto o pai como metáfora faz falta.

Analogamente, no cenário analítico, quando o analista faz uma interpretação sem equívoco e explicativa, ele está falando do lugar do analisante e o seu lugar como endereço desaparece. A estrutura do significante é desfeita e ele surge como um signo, nesse instante em que um encontro reduz a nada a distância imaginária graças à qual o "eu" se constitui como separado de seu mundo.

Um caminho inverso, do signo ao significante, do não simbolizável ao simbolizável, é possível, se a presença de alguém, analista ou não, dá valor de significantes aos signos, às percepções alucinadas. Não se trata de atribuir uma significação a esses signos, tomando-os como elementos de um diálogo, pois isso situa aquele que atribui no lugar do Outro. Assim a relação de transferência ao semelhante cai sobre um Outro que está na própria fonte de delírio²⁴.

O signo, a alucinação hiperclara, hiperprecisa, deve ser considerado como um encarceramento do objeto "a" numa imagem. A sua passagem a significante só é possível por uma escansão do lugar de "a", em que aquele que opera a escansão sig

²⁴ "C'est toujours le moment où ils ont compris, où ils se sont précipités pour combler le cas avec une compréhension, qu'ils ont raté l'interprétation (...).(...) à entendre ce qu'il a dit, il apparaît... qu'une question aurait pu être posée, qui aurait peut-être suffi à elle seule à constituer l'interprétation valable (...). Que tel moment de la perception du sujet, de sa déduction délirante, de son explication de lui-même, de son dialogue avec vous, soit plus ou moins compréhensible, n'est pas ce qui est important." (LACAN, J. Le Séminaire. Livre III. Les psychoses. Op. cit., p. 31).

nifica o objeto. Assim, longe de encarnar o Outro do domínio ou o outro compassivo, o analista deve ser somente o dejetivo "a" que cai de i(a) e possibilita o funcionamento do eixo metafórico.

A angústia provocada pela alucinação deve-se à presença do objeto que ela encerra. A potência da imagem, dos signos, demanda ser negada, trabalho que significa ter que falar – é o que levanta a ameaça de aniquilamento.

A Clivagem do Eu nas Psicoses

Para falar da clivagem do eu, Pommier reporta-se aos escritos de Freud sobre o narcisismo e a homossexualidade. Freud liga a homossexualidade ao problema da negação, colocando o narcisismo na dependência do significante. Sua análise da homossexualidade se dá através de um estudo lingüístico das diferentes formas de negar "eu o amo"²⁵.

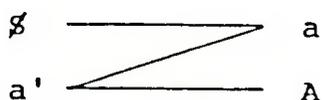
Nas psicoses, a ausência de uma negação ocasiona as reversões do amor. O outro toma o lugar da negação ausente, onde se conjugariam código e mensagem. Ele se torna o objeto de uma demanda de garantia sobre a consistência do significante. Não podendo responder a essa demanda, transforma-se na fonte de um ódio inextinguível.

Na falta da negação, tem livre curso a paixão narcísica de Eros, paixão do semelhante, do homólogo, que pode ser

²⁵ Ver FREUD, S. Sobre o mecanismo da paranóia. In: Ed. St. Vol. XII. Op. cit., p. 85-8 e LACAN, J. Le Séminaire. Livre III. Les psychoses. Op. cit., p. 52-4.

qualificada de homossexual, desde que esse termo não designe o efeito da recusa perversa nem o jogo neurótico de uma identificação imaginária ao rival sexual.

Para Pommier, a homossexualidade da paranóia, descrita como fenômeno determinante, é apenas um sintoma no seu processo, que deve ser compreendido em referência ao complexo de Édipo. Assim ele vai correlacionar as elaborações de Freud em "Introdução ao Narcisismo"²⁶ ao esquema L de Lacan²⁷ e ao estágio do espelho. Não existe no início uma unidade comparável ao eu, como mostra o esquema L:



O que não é ainda o eu é o sujeito. O Outro é o lugar da fala preexistente ao eu, onde se originam as pulsões autoeróticas. O Eu ideal e o Ideal do eu correspondem à miragem narcísica entre a e a'.

No estágio do espelho, S é um sujeito *infans* mantido em A por sua mãe, enquanto em "a" é situado um espelho. O *wirckliche ich* (§), "sujeito verdadeiro", vê em "a" sua imagem, lugar de domínio do Eu-ideal.

Quando a criança se volta para o primeiro Outro encarnado por sua mãe, essa lhe designa um lugar simbólico que ,

²⁶ Ver FREUD, S. Sobre o Narcisismo: Uma Introdução. In: Ed. St. Vol. XIV. Op. cit.

²⁷ O esquema L de Lacan, tal como reproduzido por Pommier, aparece na "Questão preliminar" e, mais elaborado, na Introdução ao "Seminário sobre A carta roubada" e no Seminário III. (Cf. POMMIER, G. Op. cit., p. 232 e 237, LACAN, J. Écrits. Op. cit., p. 53 e 548 e Le S^éminaire. Livre III. Les Psychoses. Op. cit., p. 22).

além do espelho, constitui um outro ponto de perfeição, em que ela a vê como a desejou. Esse segundo lugar virtual, Ideal do eu, é unicamente significante. O Eu ideal, que não pode manter a perfeição narcísica da infância, procura no Ideal do eu a garantia de seu narcisismo. Instância simbólica onde o sujeito vem se significar para não ficar preso ao especular, o Ideal do eu designa o traço que faz barra sobre a imagem. Face ao espelho, o sujeito acaba por um instante com o seu despedaçamento e antecipa um domínio sobre seu corpo, mas uma fenda se abre entre o real que ele é e o imaginário do espelho, buraco por onde se engolfam os significantes que o determinam.

O narcisismo primário define a relação do sujeito ao Eu ideal, posição fálica corolária de uma negação da sexualidade infantil. Se nenhuma demanda é impossível de satisfazer, então o desejo é negado. Assim, a satisfação das necessidades é acompanhada por essa negação da sexualidade que desencadeia uma angústia de castração, a qual termina por sua vez sendo a condição da futura sexualidade.

O "eu" se situa sobre a linha a-a' e barra a captura do sujeito num desejo Outro. A clivagem dessa linha deixa o eu dividido em duas instâncias nitidamente separadas, a e a', reconduzindo à cisão entre o Eu ideal e o Ideal do eu. Essa *Ichspaltung*, segundo Pommier, é uma referência constante em Freud para a questão das psicoses. Ela é um efeito da forclusão. O Eu ideal, escreve Freud, é o efeito da fala dos pais. Os traços do Ideal do eu é que temperam sua ferocidade.

O Superego nas Psicoses

A dialética do Superego se organiza então a partir do Eu ideal, que corresponde no esquema L ao objeto do gozo, ao resto verbal. Ele encontra no Ideal do eu, no significante, um outro imperativo que não o do gozo e que funciona portanto também como Superego.

O encontro do sujeito com o Outro traz o enigma da questão: "Quem sou eu para assegurar o gozo deste Outro?" O resto verbal representa esse enigma do gozo, resíduo da tradução do signo em significante. Sua função imperativa insiste face à impossibilidade estrutural de um saber sobre o objeto do gozo. A exigência desse gozo impossível corresponde ao Superego freudiano²⁸.

O som, a letra isolada, é um apelo ao gozo, a fazer um todo. Desde que um conjunto de letras signifique alguma coisa, o gozo é interditado.

A passagem do Superego pré-edípiano ao pós-edípiano é esse efeito de discurso que permite marcar a falta no Outro quando o Outro coloca sua questão: "O que você quer?" É a passagem de um Superego ligado ao objeto do gozo àquele que é o efeito do Nome-do-pai e que contradiz o primeiro. Se um saber sobre o gozo é enunciado em um "eu sei o que você quer", o Nome-do-pai é excluído do significante.

O Superego nas psicoses bloqueia a dialética do desejo. Gozar do corpo do Outro é completá-lo, igualar-se à falta.

²⁸ Ver FREUD, S. O Ego e o Id. In: Ed. St. Vol. XIX. Op. cit.

Se o corpo se apresenta para esse gozo, o sujeito não pode se representar por um significante junto a outro. O Eu ideal, efeito da atribuição fálica, recusa a sexualidade, pois aquele a quem imaginariamente nada falta está fora do sexo.

Diante de sua imagem perfeita, a criança descobre no Outro a série de prescrições às quais deve se conformar, evitando o rigor formal que o espelho reclama. O vocábulo liberta da imagem, mas enumera obrigações, que conferem ao Ideal do eu uma função de Superego. Este último tempera a intransigência do Superego ligado ao Eu ideal. É a dupla polaridade do Superego.

Do lugar da falta no Outro sai a obrigação de produzir o significante dessa falta, que não a obtura, mas a reproduz. Ela aparece como produção do sujeito, que passa a existir no momento em que seu gozo é perdido.

O Ideal do eu e o Eu ideal estão em guerra em todas as formas de psicose. A *Ichspaltung*, clivagem do eu, dá ao Eu ideal o estatuto de um reflexo, outro perseguidor, resultado de um defeito do Ideal do eu que é a consequência da presença avassaladora do Outro. Pois é só em sua ausência que se inscrevem os traços identificatórios. A imagem do corpo funciona aqui como Outro do Outro, o qual não existe, o que vota esse corpo ao despedaçamento. O Nome-do-pai significa que não há Outro do Outro, que lá onde o Outro está em falta permanece um vazio que nada pode preencher.

A instância do Eu ideal é persecutória pela exigência de perfeição da imagem, à qual não falta nada. Ela está sempre completa e condena todo gesto e toda fala, que enquanto expressão de uma demanda, confessam a falta a ser que ela nega.

Falo e Objeto "a"

Para Pommier, o falo não pode ser considerado como um significante transcendental. A metáfora do Nome-do-pai eleva o falo imaginário da significação a falo simbólico, como significante da falta. Ele indica um além da demanda do Outro e portanto o contrário de uma transcendência. Este significante não equivale ao recalque "primordial" freudiano, graças ao qual se opera uma linha divisória entre o real e o simbólico: os significantes são um efeito de tal recalque.

No esquema L, uma clivagem do eu na linha a-a' ocasiona uma equivalência entre o falo e "a". É a regressão tópica ao estágio do espelho, consequência da forclusão do Nome-do-pai. A clivagem se produz no encontro de um significante associado à paternidade imaginária.

A regressão narcísica freudiana é análoga à regressão tópica ao estágio do espelho de Lacan: na identificação narcísica o eu se equivale ao objeto, ao que é perdido. O pequeno "a" permanece colado ao pequeno outro, $i(a)$, daí o risco de aniquilamento. Em todas as formas de psicose, diz Pommier, o pequeno outro, o objeto pequeno "a" e o falo imaginário estão fortemente atados.

A identificação ao objeto de gozo leva a uma regressão ao infinito, em direção ao nada. A identificação ao Pai interdita essa identificação ao objeto de gozo da mãe e autoriza a existência, pois é então possível perder o objeto sem ter que identificar-se a ele. Já nas psicoses, a "palavra" equivale à "coisa". A materialidade significante e o objeto do gozo se igualam.

Se o sujeito contempla sua imagem no espelho e, ao voltar-se para quem o carrega, não encontra o traço que o distingue no lugar virtual do Ideal do eu, mas o imperativo que o confunde ao que ele deve ser para satisfazer, ele é reenviado à perfeição do espelho. A coalescência especular impede o esquecimento do corpo necessário à existência. A equivalência do sujeito ao objeto do gozo corresponde a equivalência da palavra à coisa. O Nome-do-pai é o que expulsa desse gozo e instaura o desejo de seu retorno. O sujeito se deduz da cadeia significante na qual ele não aparece.

A lei da linguagem surge então, não como uma instância superegônica, mas como a própria estrutura do dizer. A lei do pai separa a palavra da coisa no mesmo movimento em que interdita o gozo da mãe.

A Análise do Psicótico

Nesse ponto, Pommier coloca a questão do trabalho analítico com pacientes psicóticos. O ato de dizer, segundo ele, funda a existência daquele que fala, pois a consistência imaginária da fala encontra um limite no seu endereçamento ao outro, presença que escuta e portanto exige que a fala queira dizer alguma coisa.

Metaforicamente, nenhum significante representa o sujeito completamente; metonimicamente, cada termo pede um outro. O infinito, como a morte, é uma função do simbólico.

O espaço heterogêneo da fala nada tem de neutro. No cenário analítico, a neutralidade e a boa vontade de um analisis

ta impedem qualquer tarefa analítica, especialmente, diz Pommier, no campo das psicoses. Uma captura constante na significação impede toda separação que possibilite a existência. A loucura de Schreber, exemplarmente, leva-o ao desenvolvimento de um raciocínio indefinido, recurso à razão onde tudo deve se explicar. A ressonância da significação contamina até o Nome - do-pai. A justificação exaustiva do significante torna-o um signo, a abolição do não-senso abole também o sentido. Constituir uma mensagem requer que um sujeito aí se represente, o que nenhum signo autoriza. Schreber sofre essa coerção constante de, pensando, gozar. Para que o sentido se funde é preciso um corte desse raciocinar infinito, corte diferente do silêncio ou da significação. Como operá-lo?

Pommier vai propor uma resposta a essa questão abordando o tema da transferência na psicose. Ele observa que Freud evocou a impossibilidade de uma transferência nas psicoses, mas não deixou de apontar o papel da transferência de Schreber e Flechsig.

Para Pommier, a transferência é o resultado da associação livre. Se o analisante é convidado a dizer o que quer que seja, ele logo descobrirá que o que diz tem uma ordem. O encadeamento dos significantes na sua própria repetição leva a supor um sujeito que ordena um saber, saber sobre o gozo. Por isso, aquele que é suposto possuir tal saber é amado. O amor vem na falta do gozo. O amor de transferência é o resultado da associação livre porque há uma questão sobre o gozo à qual um saber é suposto responder.

Nas psicoses, a repetição significante parece ainda mais insistente que nas neuroses. Há um saber e um sujeito des

se saber; há, portanto, transferência. Se a transferência se estabelece em relação a esse sujeito suposto saber, ela é o resultado do deslizamento da cadeia significante no discurso do analisante. Porque há um saber que lhe escapa, um sujeito é suposto a esse saber. O problema da transferência nas psicoses, então, para Pommier, não é o de sua existência, mas o de suas modalidades.

Se nas neuroses o saber do Outro desemboca numa questão, à qual responde o arbitrário de um pai, é suficiente que este saber seja pontuado de um "você o disse", para que ele tenha um efeito de sujeito. O analista sai do semblante de sujeito-suposto-saber e significa nesse instante o objeto pequeno "a", o corte. O analisante é colocado em posição de ler a associação significante, em posição de sujeito ($\$$), graças ao analista que é a causa de tal leitura ("a"). Um ponto de existência real é fundado por tal ato. Esta ancoragem num ponto real é para Pommier o essencial do que se pode obter da transferência nas psicoses. A transferência não é simplesmente simbólica, lado significante, nem imaginária, lado amor, mas coloca em jogo um real.

Pommier nos diz que a ausência de resposta, o silêncio do saber em um ponto, se formaliza numa questão: "o que você quer?" O não-senso do Nome-do-pai instaura uma distância entre a demanda e o falo. O Nome-do-pai religa o sujeito ao saber inconsciente, tirando-o do seu absolutismo. Ele se contrapõe a qualquer saber absoluto ou transcendência e significa que o saber sobre o desejo só tem como última palavra o "Che vuoi?"²⁹

²⁹ Ver CAZOTTE, J. *El diablo enamorado*. Trad. Luiz Alberto de Cuenca. Madrid, Siruela, 1985. Citado por LACAN, em *Subversion du sujet et dialectique du désir*. In: *Écrits*. Op.cit., p. 815.

Na psicose, os significantes, na medida em que permanecem enigmáticos, são signos de que em algum lugar "se" sabe. O Outro é o detentor de um saber absoluto. É como se o psicótico não fosse o autor de suas palavras, mas o objeto delas, corpo exposto ao todo saber do Outro. A tonalidade persecutória da interpretação encontra aqui seu motivo. O analista encarna o Outro, enquanto o psicótico é o objeto do saber que complementa esse Outro. Sua demanda, eventualmente relacionada com uma demanda de análise, se resume então em questionar esse saber e em localizar o seu sujeito. Na psicose, o sujeito suposto saber se transforma em sujeito saber, a suposição é substituída por uma certeza.

"O que você quer?" seria então a questão preliminar a todo tratamento possível das psicoses, o que significa que o tratamento só é possível se há demanda. Se o psicótico se coloca como objeto de um saber do qual ele pergunta quem é o sujeito, na ausência de uma escansão adequada, aquele a quem ele se endereça é ao mesmo tempo o sujeito do saber absoluto e o alter-ego do amor. Como o objeto do gozo é um ponto aniquilado, o amor se transforma em ódio: àquele que imputo o saber eu amo, àquele que o detém eu odeio.

A escansão é impossível enquanto não aparecer uma falha no saber. Se a demanda de análise nas psicoses vem como apelo de um saber absoluto, a manobra do analista parece simples: furtar-se a esse apelo, pois lá onde o saber se furta, a escansão é possível e a estrutura se ordena sobre seu ponto de incompletude. Sua execução é porém delicada e supõe, particularmente, que o analista se despoje de seu saber³⁰.

³⁰ Lacan propõe que os analistas sejam os secretários do alienado: "N'est-ce pas de n'avoir pas été assez loin dans leur écoute de l'aliené, que les grands observateurs qui ont fait

Entrar na tarefa analisante é possível nas psicoses, conclui Pommier, desde que o interessado faça a demanda. Se há demanda, dispõe-se dos mesmos elementos de estrutura nas psicoses e neuroses, embora invertidos: nas neuroses, o sujeito que se deduz do saber é o analisante e o objeto causa, o resíduo, o analista. Nas psicoses, o analista pode ser capturado como sujeito desse saber, especialmente se ele goza dessa posição. Nesse caso, o analisante é o objeto de seu próprio discurso. A escansão, propícia ao retorno esboçado pela demanda de análise, requer o desejo de um analista. A questão não é interpretar, é operar a báscula do objeto: de objeto do gozo, do lado do analisante, em causa do desejo, do lado do analista.

À concatenação significante, metonímica, responde o ato, metafórico, que isola um traço significante das associações, destacando o Ideal do Eu e separando o sujeito de sua relação especular ao objeto indefinidamente metonímico do gozo.

Se, exemplifica Pommier, um sujeito vem ver um analista que o acolhe silenciosamente, sendo o silêncio um convite a falar, ele reenvia o sujeito ao Ideal do eu. Os efeitos benéficos duram menos se o analista ocupa uma posição de ideal, de domínio, que uma não resposta à demanda só vem reforçar, se ela equivale a um silêncio que apenas retarda uma interpretação. Se aquele a quem o psicótico endereça sua mensagem se cala, ele se torna o ideal de todas as significações possíveis.

Ao contrário, toda pontuação, especialmente interrogativa, falará da falta do analista, de seu desejo, falta de

les premiers classements ont desséché le matériel qui leur était offert?" (LACAN, J. Le Séminaire. Livre III. Les psychoses. Op. cit., p. 233).

nenhum objeto específico. O corte delimita esse instante em que o sujeito da enunciação se desprende da materialidade sonora. A interpretação eficaz não tem nenhuma necessidade de dar uma explicação ou prescrever uma interdição. É suficiente um corte na significação, que nas psicoses reenvia sem fim à significação, sem nenhuma queda de sentido (§). Um significante S representa nelas um sujeito ao lado da significação fállica.

Sem a denegação, o discurso retorna de fora. Assim o correm as alucinações verbais, que vêm do lugar do que não pode seguir a intenção do sujeito. O outro é o portador da negação.

Assim, o ato analítico só é eficaz na suspensão deliberada de toda compreensão. Dirige-se sobre o ato de dizer mais do que sobre o que é dito. Uma localização do real pode então ser obtida como principal efeito da transferência nas psicoses. O ato analítico oferece o ponto de apoio de toda metaforização, que presentifica aquele que fala: o sujeito da enunciação se se para de seu enunciado e a história, o mito individual, adquirem valor de verdade.

Para ser eficaz, a escansão deve reenviar o código a uma mensagem que não se sabe e reenviar a mensagem ao desejo do Outro. O efeito terapêutico positivo decorre de que o analista não compreenda nada, pois sua incompreensão leva além de seu lugar imaginário, deixando-o como escória de um encontro que não terá sido por isso menos efetivo.

CAPÍTULO IV

LACAN E DAS DING

A teoria lacaniana das psicoses, tal como vimos com Pommier, serve-se de conceitos que parecem ter origem em vários conceitos filosóficos. Para elucidá-los melhor, reportaremos-nos, agora, a Alain Juranville, que vem articular os aspectos que nos interessam através do discurso filosófico³¹.

Para Juranville, no discurso lacaniano não há lugar para o idealismo, pois Lacan marca a impossibilidade da verdade total. Se para Kant a "coisa-em-si" é apenas incognoscível, para Lacan a Coisa³² é também impossível.

Segundo Juranville, a descoberta freudiana representa o surgimento do real enquanto elemento mais secreto do desejo do homem. A dimensão do real é a dimensão fundamental do discurso analítico. Para Lacan, o objeto próprio da psicanálise é alguma coisa da ordem do ser que se situa fora da lógica: trata-se do objeto "a", face real do significante por excelência, o falo, significante puro, sem significado.

³¹ Ver JURANVILLE, A. Lacan et la philosophie. Paris, Presses Universitaires de France, 1984.

³² A Coisa vai ser introduzida por Lacan no Seminário VII, A Ética da Psicanálise. Ver LACAN, J. Le Séminaire. Livre VII, L'ethique de la psychanalyse. Paris, Seuil, 1986.

O real, o imaginário e o simbólico são para Juranville dimensões inscritas no significante: o imaginário é o significante tomado isoladamente como presença ilusória do objeto absoluto que ele evoca; o simbólico é o significante tomado no sistema de significantes e o real é o corte, o nada, onde os significantes são abolidos como meros artifícios.

O significante se produz no lugar do que falta, o objeto que Lacan chama a Coisa. Enquanto símbolo da plenitude ausente, ele dá presença à falta. O símbolo não é o significante, embora a dimensão do simbólico, enquanto caracterizada pela existência de estruturas a priori, apareça como a dimensão da linguagem.

A impossibilidade da Coisa é o que, para Lacan, caracteriza o real: o real é o tempo em que não surge o desejado e que faz a "realidade" inantecipável do mundo da vigília. É a castração com a qual o homem se choca no seio do seu ser desejante.

Segundo Juranville, Lacan se apóia no texto de Freud que, marcado pelo neo-kantismo de Brentano³³, apresenta o despertar do conhecimento como o encontro do próximo (*Nebenmensch*) como Coisa, dando origem aos seus traços que podem ser reconhecidos pelo sujeito no mundo³⁴. Freud se afastaria de Kant ao fazer a divisão entre o objeto e a Coisa, mas permaneceria kantiano ao dizer que a Coisa é recolhida em si mesma. Já para

³³ Brentano (1838-1917) teria desenvolvido um estilo filosófico oposto, tanto no conteúdo quanto na forma, ao do idealismo alemão, criticando Kant como iniciador de tais tendências especulativas. (Cf. FERRATER MORA, J. Diccionario de Filosofia. 5.ed. Madrid, Alianza, 1984, p. 384).

³⁴ Ver LACAN, J. Le Séminaire. Livre III. L'Étiquette de la psychanalyse. Op. cit., p. 64-5.

Lacan a divisão se opera no interior da própria Coisa, de onde advém o objeto.

Com a Coisa, Lacan reencontra as análises de Heidegger, particularmente aquelas da conferência "Das Ding". As palavras latinas *res* e *causa*, no sentido de caso, dão origem a *la cosa*, em francês *la Chose*³⁵. A Coisa não é o objeto e está inteiramente na presença sensível, sem possibilidade de antecipação ou continuidade, como no caso do objeto. Nomeada, ela se inscreve num mundo onde desaparece como coisa, cujo plano é o do significante puro.

Para Heidegger a coisa unifica o mundo³⁶. Para Lacan, a Coisa é mítica e reenvia a um conceito fundamental no pensamento que vem depois da "metafísica". Sua análise se situa no prolongamento da de Heidegger, que concebe um além do mundo diferente da "coisa-em-si" de Kant, pois essa, embora ausente do mundo do conhecimento, situar-se-ia em outro mundo.

Se, continua Juranville, a Coisa é mítica, a verdade é parcial e o real surge como o fato puro da pulsão de morte: na falta do encontro da Coisa surge o objeto "a" como resto e a pulsão de morte. O objeto é inicialmente o que Freud chamou esta "pequena coisa separada do corpo"³⁷, na medida em que o sujeito não é a Coisa como plenitude e encontra a castração. O objeto é infinitamente substituível por ser um buraco, um vazio, ocupável por qualquer objeto. Ele se torna o engano neces

³⁵ Cf. HEIDEGGER, M. *La chose*. In: *Essais et Conférences*. Trad. franç. Paris, Gallimard, 1958, p. 208.

³⁶ *Idem*, *ibidem*, p. 215.

³⁷ Cf. FREUD, S. *História de uma neurose infantil*. In. Ed. St. Vol. XVII. Op. cit., p. 108-9.

sário, negativo do corpo ao redor do qual gira a pulsão, que faz passar do interior do corpo ao objeto exterior.

Para Juranville, o falo se distingue do objeto "a" por sua essência de significante e, portanto, pelo fenômeno da castração, que faz o falo desaparecer atrás do nome. Sem a castração, que caracteriza o falo como significante, a pulsão se estabelece e o desejo não se mantém.

O objeto é inicialmente o sujeito no seu real, desejado pelo Outro, para depois tornar-se causa do desejo do sujeito. Assim, a constituição do objeto no fantasma dá-se por um encontro com o desejo do Outro. Quando o lugar do Outro é ocupado pela Coisa, plenitude mítica do corpo materno, o sujeito advém como objeto, no real. Inversamente, há o movimento do desejo do sujeito em direção ao Outro, à Coisa, e o choque com sua falta como objeto absoluto. No fantasma de castração, o Outro advém então como objeto causa do desejo do sujeito.

A verdade do pensamento lacaniano é, segundo Juranville, a castração³⁸, que deve nos conduzir além do fantasma, em direção a este lugar primeiro que é o da Coisa, Bem absoluto que se marca pela falta. Se a castração não intervém para levar o objeto ao estatuto de significante, o desejo se transforma em pulsão.

O objeto "a" apenas causa o desejo e é o falo que o mantém, depois de efetuado o encontro com a falta do objeto absoluto. Enquanto o real puro coloca o sujeito frente à Coisa,

³⁸ Ver, sobre o conceito de verdade em Lacan, DERRIDA, J. El concepto de verdad em Lacan. Trad. Hugo Acevedo. Argentina, Homo Sapiens, 1977, onde ele analisa o "Seminário sobre a Carta Roubada" de Lacan.

radicalmente estranha ao mundo, o objeto "a" é o real articulado ao simbólico e ao imaginário, e faz a realidade dos elementos do mundo. A experiência do real como dimensão radical do significante é o encontro originário com a falta da plenitude da Coisa. Essa é o significante encarnado, real, pelo qual o desejo é suscitado originariamente. O surgimento do significante fálico dá-se com a experiência da falta: se há o falo, não há a plenitude. O encontro com a Coisa, única e estranha às normas do mundo, é inseparavelmente o encontro com a castração.

A Coisa é o Outro originário do desejo, o Outro real, a Mãe. Mito enquanto idéia de uma plenitude absoluta, ela impõe ao mesmo tempo a experiência da falta dessa plenitude. Enquanto a Coisa é o significante encarnado, exterior ao mundo, o objeto "a" é necessariamente ligado ao mundo e à sua temporalidade.

Juranville tenta explicitar os conceitos lacanianos de prazer e gozo em relação ao de bem-estar, forma sob a qual a tradição filosófica concebe a plenitude. Para Lacan, o desejo vem do Outro e o gozo fica do lado da Coisa. O gozo é gozo do significante como tal e, portanto, da verdade, opõe-se ao prazer e se distingue do bem-estar. Além do princípio do prazer, Lacan situa o gozo como fálico, que supõe a castração e, portanto, a presença da pulsão de morte.

O prazer se produz como atividade pulsional, girando em torno do objeto "a" e investindo as superfícies do corpo. O objeto "a" é o que, da Coisa, resta aprisionado pelo princípio do prazer. Ele não é objeto de gozo.

Se, no instante do gozo, a Coisa falta, aparece a pulsão de morte, que se desenvolve sem nenhum objeto que seja da

ordem dos objetos das pulsões parciais, os elementos "a": ela gira em torno do vazio da Coisa.

A pulsão de morte é, então, para Juranville, a maneira como se apresenta a negatividade implicada pelo significante. Inicialmente surge S_1 no real, a Coisa, e o sujeito advém como S_2 , o significante que traz em si a negatividade e a castração.

A pulsão de morte é descoberta por Freud a partir da repetição, em que ele vê a expressão de uma pulsão que vai contra a vida³⁹. A procura do prazer como descarga de uma tensão e retorno a um estado anterior seria habitada pela pulsão de vida para a manutenção de um certo nível de tensão vital. Para Juranville, falta a Freud a noção do significante para evitar o biologismo da pulsão de morte, pois o que é repetido é um significante: toda repetição é repetição de uma certa estrutura significante⁴⁰.

A repetição é essencialmente encontro com a Coisa enquanto encontro com a falta, com S_1 encarnado no real. Na medida em que o encontro falta, a repetição marca o que Lacan chama de perda do gozo, ligada ao vazio da Coisa e à pulsão de morte. O objeto "a" toma o lugar da Coisa e introduz as pulsões parciais. Ao marcar a ausência do gozo absoluto, ele causa o desejo. É no lugar da perda introduzida pela repetição que surge a ficção do objeto perdido.

O além do princípio do prazer é ao mesmo tempo a

³⁹ Ver FREUD, S. Além do Princípio do Prazer. In: Ed. St. Vol. XVII. Op. cit.

⁴⁰ Ver a esse respeito GARCIA-ROSA, L.A. Acaso e repetição em psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1986.

pulsão de morte e o gozo. O que distingue a pulsão do desejo é seu objeto e o papel da superfície do corpo, onde se situam as fontes das pulsões parciais. O objeto da pulsão de morte não é "a": ela não tem objeto, mas gira em torno do vazio da Coisa, que fura o corpo do sujeito e é condição de toda pulsão.

A pulsão de morte se deduz do significante que coloca a Coisa como o desejável. Ela é sem objeto, porque o sujeito se torna o nada da Coisa esvaziada. Para Lacan, a pulsão de morte é vontade de destruir, mas também de recomeçar, de criar a partir de um nada que o significante inflige ao que é. Pois é a partir do vazio, da falta da Coisa, que o sujeito emerge a través do significante: é a criação do desejo a partir do vazio.

Em A Ética da Psicanálise, Lacan introduz a Coisa como Outro absoluto, *das Ding*, e o objeto "a" ou suas representações como suas coordenadas de prazer. Para ele, a lei moral é aquilo por meio do que se presentifica o real na nossa atividade estruturada pelo simbólico, e a lei moral se afirma contra o prazer.

Além do princípio do prazer aparece esta face opaca, biológica e científica, que se chama a pulsão de morte. O chamado princípio de realidade seria um prolongamento do princí-pio do prazer. Esta realidade seria na verdade a realidade psíquica. Na formulação de Freud, o aparelho psíquico foi feito, não para satisfazer a necessidade, mas para aluciná-la, e o princípio de realidade teria como função uma retificação, um apelo à ordem.

Para Lacan, Freud não era idealista, pois ele não disse que somos nós que damos medida à realidade. Enquanto gui

as para o real, os sentimentos são enganadores. A aproximação do homem ao real dá-se inicialmente em termos de defesa. O princípio do prazer e o princípio de realidade se situariam respectivamente do lado do inconsciente e da consciência, do processo primário e secundário.

Segundo Lacan, para Freud só há apreensão dos processos de pensamento na medida em que se produzem palavras. São elas que caracterizam a passagem dos movimentos do inconsciente para o pré-consciente. Assim, o inconsciente só pode ser apreendido no que é articulado em palavras. Por isso é que Lacan diz que ele tem uma estrutura de linguagem. É porque o que é conhecido só pode ser conhecido em palavras que o desconhecido se apresenta como tendo uma estrutura de linguagem.

Para Lacan, o princípio do prazer não deve ser inscrito numa referência biológica, pois a experiência de satisfação é totalmente dependente do outro. É por intermédio desse outro enquanto sujeito falante que tudo o que se relaciona aos processos de pensamento pode tomar forma na subjetividade do sujeito.

O princípio do prazer nunca deve ser confundido com a satisfação. Sempre faltará alguma coisa, sempre haverá uma distância entre a articulação do desejo e sua realização.

Segundo Lacan, em alemão há dois termos para designar a Coisa: *das Ding* e *die Sache*. *Die Sache* é a passagem à ordem simbólica de um conflito entre os homens. É a coisa, produto da ação humana, enquanto governada pela linguagem. A palavra é estreitamente ligada à *Sache*, destaca-a e a faz nascer.

Das Ding se situa alhures. O que se situa na Coisa, *das Ding*, é o verdadeiro segredo, diz Lacan. O aparelho psíquico

co peneira o que é percebido pelo homem, de modo que ele tem acesso apenas a pedaços escolhidos da realidade. O processo do pensamento se encontra no campo do inconsciente e só nos é acessível por meio da palavra articulada.

O inconsciente, através do princípio do prazer, intervém na medida em que a estrutura significante se interpõe entre a percepção e a consciência. Ao nível do Eu, do inconsciente em função, alguma coisa tende a afastar o mundo exterior. *Das Ding* é o elemento isolado pelo sujeito na origem de sua experiência do próximo como algo estranho. E o que é qualidade, no objeto, constitui-se em representações primitivas em torno das quais virá girar o que é da ordem do prazer ou desprazer.

Assim, *das Ding* é aquilo em torno do que se orienta o sujeito em relação a seus desejos. O que ele quer encontrar não pode jamais ser encontrado. É da natureza do objeto ser perdido como tal. *Das Ding* é este objeto enquanto Outro absoluto do sujeito, diz Lacan. É no estado de desejá-lo e esperar por ele que será buscada, em nome do princípio do prazer, a tensão ótima. O que é buscado é o objeto em relação ao qual funciona o princípio do prazer.

A conduta do histérico, exemplifica Lacan, tem como objetivo recriar um estado centrado pelo objeto, *das Ding*, enquanto ele é suporte de uma aversão e de insatisfação. Ao contrário, na neurose obsessiva, o objeto em relação ao qual se organiza a experiência de prazer é um objeto que traz prazer em excesso. O comportamento do obsessivo visa evitar o que o sujeito vê como alvo do seu desejo. Já o paranóico não crê nesse primeiro estranho em relação ao qual o sujeito tem que se referir inicialmente. O motor da paranóia é essencialmente a

rejeição de um certo apoio na ordem simbólica.

Das Ding é originalmente o que Lacan chama o fora-de-significado. É como trama significante pura, como a coisa mais despojada de relações ao indivíduo, que ela se apresenta. A Coisa só se apresenta a nós enquanto ela faz palavra. Ela é o que, lógica e cronologicamente, diz Lacan, no início da organização do psiquismo, se apresenta e se isola como o termo estranho em torno do qual gira todo o movimento da Representação, que Freud nos mostra governada por um princípio regulador, o princípio do prazer. É ao redor dessa Coisa que se organiza toda a trama simbólica.

Das Ding deve ser identificada com a tendência a reencontrar que, para Freud, funda a orientação do sujeito humano para o objeto, o qual Lacan chama de objeto perdido. Mas, diz ele, este objeto nunca foi na verdade perdido. O princípio do prazer governa a procura do objeto e lhe impõe os desvios que conservam sua distância em relação ao seu fim. A transferência da quantidade de excitação de representação em representação mantém sempre a procura a uma certa distância daquilo em torno do que ela gira. A lei do princípio do prazer fixa o nível de uma certa quantidade que não deve ser ultrapassada, pois além de um certo limite, a quantidade se transforma em complexidade.

Lacan localiza a esfera das representações entre a percepção e a consciência, onde funciona o princípio do prazer, através do qual os processos de pensamento regram os investimentos das representações e a estrutura na qual se organiza o inconsciente. O significante é para ele o que Freud chama no seu artigo sobre "O Inconsciente" de *Vorstellungsrepräsentanz*,

o que torna a *Vorstellung* um elemento associativo, combinatório⁴¹. O mundo da representação já está organizado segundo as possibilidades do significante como tal.

Para Lacan, as representações de palavra instauram um discurso que se articula sobre os processos de pensamento. Nós só conhecemos algo sobre eles porque falamos do que se passa em nós, em termos que na verdade sabemos vazios. É a partir do momento em que falamos de nossa vontade ou de nosso entendimento como faculdades distintas que nós temos uma pré-consciência e somos capazes de articular um discurso, o qual encaminha nosso desejo.

Segundo Freud, as representações se intercambiam segundo as leis de funcionamento da cadeia significante. Para Lacan, as *Sachvorstellungen* devem ser situadas em oposição às *Wortvorstellungen*, mas não existem sem elas. *Das Ding* é outra coisa, uma função primordial que se situa na instauração das *Vorstellungen* inconscientes. Ao nível delas a Coisa se distingue como ausente e estranha.

As representações de palavra refletem em um discurso o que se passa ao nível dos processos de pensamento nos representantes-representações. Esse nível é o lugar do recalque, enquanto o nível das representações de palavra é o lugar da denegação. Esta é o modo de conotação ao nível do discurso do que é recalçado no inconsciente.

Lacan afirma que é na medida em que falta um termo que sustente a base do sistema de palavras numa certa distân-

⁴¹ Ver FREUD, S. Artigos sobre metapsicologia. O Inconsciente. In: Ed. St. Vol. XIV. Op. cit.

cia ou dimensão relacional que veremos se desenvolver a psicose. Falta ao psicótico alguma coisa em direção à qual tende seu esforço de suprimimento, de significantização.

É ao princípio da realidade que está ligada a função que se articula em Freud com o termo de Superego, que é para Lacan uma forma substitutiva de designar o que se chamou a consciência moral. A mãe ocupa o lugar dessa Coisa, *das Ding*, enquanto a lei primordial no fundamento da moral, na instauração da cultura em oposição à natureza, é a lei da interdição do incesto. O desejo essencial é assim o desejo do incesto.

O que encontramos na lei do incesto, explicita Lacan, situa-se ao nível da relação inconsciente com a Coisa. O desejo pela mãe não deve ser satisfeito porque ele é o fim, a abolição de todo o mundo da demanda, que é o que estrutura o inconsciente do homem. O essencial da lei da interdição do incesto consiste em que a função do princípio do prazer é fazer com que o homem procure sempre o que ele deve reencontrar, sem atingi-lo jamais. A interdição do incesto, a distância do sujeito à Coisa, é a condição para que a fala subsista.

O que Freud nos mostrou, diz Lacan, é que não há Bem Supremo. O Bem Supremo, que é a Coisa, *das Ding*, a mãe, o objeto do incesto, é um bem interdito. *Das Ding* está justamente no centro; é o excluído, exterior, Outro pré-histórico impossível de esquecer, estranho ao eu no próprio coração do eu, que, ao nível do inconsciente, só uma representação representa.

O termo *Vorstellungsrepräsentanz* é para Lacan o que, no inconsciente, representa como signo a representação como função de apreensão. A estrutura inconsciente se rege segundo a lei do prazer e do desprazer, do Desejo indestrutível, ávido

da repetição de signos. É por aí que o sujeito regula sua distância primeira à Coisa, fonte de todo Bem ao nível do princípio do prazer. Além do princípio do prazer se esboça o Bom, *das Ding*. Mas *das Ding* é também o que faz a lei do inconsciente, lei arbitrária onde o sujeito não tem garantia de nada.

Lacan diz que a realidade deve ser estruturada pelo homem como o que se apresenta na sua experiência voltando sempre ao mesmo lugar. A exigência primeira de *das Ding*, encontrar o que se repete, o que volta sempre ao mesmo lugar, nos leva a um ponto onde nada nessa realidade pode responder a esse apelo de segurança do retorno. Assim, o que se apresenta como lei está estreitamente ligado à estrutura mesma do desejo. Ainda que o sujeito não descubra que o último desejo é o que Freud chamou o desejo do incesto, ele se conduz de tal forma que o objeto do seu desejo seja sempre mantido à distância.

A tese de Lacan é que a lei moral se articula tendo em vista o real como tal, enquanto ele pode ser a garantia da Coisa. O extremo do prazer não pode ser sustentado na medida em que ele consiste em forçar o acesso à Coisa, esse real insuportável. Por isso os fantasmas, a um certo limite, não permitem a revelação da fala. *Das Ding* está no início, separando-se de tudo o que o sujeito começou a nomear e a articular. Ela permanece suspensa ao que há de aberto, de faltante, de fendido, no centro do nosso desejo.

Para Lacan, a pulsão, e não o instinto, não está longe deste campo da Coisa. Ele afirma que as pulsões foram descobertas por Freud no interior de um jogo de substituição de significantes, de forma que não podemos confundir seu domínio com uma freqüentação do meio natural pelo homem. *Trieb* deve ser

traduzido próximo ao equívoco, à deriva, que motiva toda a ação do princípio do prazer e que nos dirige para esse ponto mítico articulado nos termos da relação de objeto.

As *Triebe* podem dar ao sujeito matéria de satisfação de mais de uma maneira, deixando aberta a via à sublimação, pois elas, chamadas moções pulsionais sexuais, são extraordinariamente plásticas, podendo se substituir umas às outras⁴².

Para Lacan, o problema da sublimação se situa na diferença entre o objeto tal como estruturado na relação narcísica e *das Ding*. O objeto é inseparável de elaborações imaginárias e culturais: a coletividade tenta colonizar com suas formações imaginárias o campo de *das Ding*. Os elementos "a", elementos imaginários do fantasma, vêm enganar o sujeito no lugar da Coisa.

Das Ding, essencial ao pensamento freudiano, é para Lacan este interior excluído de alguma coisa que se articula como o Eu-real, hipotético, suposto Eu-do-prazer, no qual se manifestam os primeiros esboços de organização psíquica, dominado pela função dos representantes-representação.

Quanto aos afetos, Lacan não quer confundi-los com a substância do que procuramos no Eu-real, além da articulação significante. Segundo ele, Freud já insistia no caráter de sinais, e não de significantes, aos quais podem-se reduzir os afetos. Mesmo a angústia é colocada do lado do sinal, o que será visto detalhadamente no Seminário da Angústia⁴³.

⁴² Ver FREUD, S. Artigos sobre Metapsicologia. As pulsões e seus destinos. In: Ed. St. Vol. XIV. Op. cit.

⁴³ LACAN, J. Séminaire X. L'Angoisse. Inédito.

O Eu-do-prazer está ligado ao investimento do sistema dos representantes-representação, dos elementos significantes no psiquismo, mas o campo do sujeito é definido por Lacan não somente como o sujeito inter-subjetivo, submetido à mediação do significante, mas também como o que há por trás desse sujeito.

É na reação terapêutica negativa que Freud reencontra o campo de *das Ding* e nos designa o plano do além do princípio do prazer. Esse campo é para ele o que, na vida, pode preferir a morte, e ao redor dele gravita o campo do princípio do prazer. O que se revela ao nível de *das Ding* é o lugar das pulsões, enquanto elas nada têm a ver com qualquer temperança que organize sabiamente as relações do ser humano com seu semelhante numa construção harmônica.

Na sublimação, a pulsão é desviada de seu alvo, revelando sua natureza enquanto diferente do instinto e relacionada à Coisa, distinta do objeto. O objeto, enquanto reflexo ou imagem do homem, não é a Coisa, que está no centro da economia libidinal. O objeto é apenas um ponto de fixação imaginário que dá satisfação a uma pulsão.

Para Lacan, a Coisa é fundamentalmente velada e temos que contorná-la para concebê-la. Ele diz que ela é o que do real sofre do significante⁴⁴. A primeira relação que se constitui no sujeito dentro do sistema psíquico cristaliza em elementos significantes. Não há nada entre a organização na rede significante, rede dos representantes-representação e a consti

⁴⁴ "(...) cette Chose, ce qui du réel... pâtit du signifiant." (LACAN, J. Le Séminaire. Livre VII. L'éthique de la psychanalyse. Op. cit., p.142)

tuição no real desse espaço, lugar central que se apresenta como o campo da Coisa.

O objeto é por sua natureza um objeto reencontrado, diz Lacan, e a consequência disso é que ele tenha sido perdido. A Coisa é, nos reencontros do objeto, representada por outra coisa. O que é encontrado é procurado, mas dentro das vias do significante. A função do princípio do prazer é levar o sujeito de significante em significante, usando tantos significantes quanto necessário para manter o mais baixo possível o nível de tensão no aparelho psíquico.

Para Lacan o primeiro significante produzido pelo homem só é significante de tudo o que é significante, ou seja, de nada de particularmente significado. Ele cria um vazio, um buraco no real, correlato de sua produção, introduzindo a perspectiva de preenchê-lo. Assim a pulsão não pode se limitar a uma noção psicológica, e Lacan a considera uma noção ontológica fundamental, que responde a uma crise da consciência em que vivemos. A Coisa será sempre representada por um vazio e por isso o discurso da ciência rejeita sua presença, na medida em que ele visa o saber absoluto.

Para Lacan, o círculo que nos separa da Coisa é colocado por nossa relação ao significante. A Coisa é isto que de real sofre dessa relação fundamental que engaja o homem nas vias do significante, pelo fato de que ele seja submetido ao princípio do prazer, que é a dominância do significante. A articulação da pulsão de morte em Freud designa o ponto não ultrapassável da Coisa.

No início havia o significante, diz Lacan, sem o qual seria impossível articular a pulsão como histórica. O sig-

nificante aparece assim numa perspectiva creacionista, num domínio de criação *ex nihilo*. O campo da Coisa se projeta além, na origem da cadeia significante. Não é esse o campo no qual o psicótico gostaria de se instalar?

CAPÍTULO V

ANGÚSTIA - O AFETO EM LACAN

Perguntamos se a abordagem das psicoses pode se dar através da linguagem, se é possível tocar o real com o significante. O que Lacan tem a nos dizer sobre o afeto, que, além da linguagem, torna-se particularmente comprometido na psicose, parece-nos uma contribuição de relevo para refletir sobre essas questões e apontar um caminho de trabalho com o psicótico.

No Seminário da Angústia⁴⁵, Lacan nos mostra que não ignorou os afetos e que não é a linguagem a última palavra em sua teoria⁴⁶. Desde seus primeiros Seminários cremos que isso já está implícito, evidenciando-se particularmente no Seminário VII, como vimos anteriormente, a propósito de *das Ding*.

Discutindo os conceitos de emoção e de moção pulsional, que, segundo ele, traduz impropriamente *Triebregung*, Lacan nos diz que a angústia não é uma emoção: a angústia é um afeto. Ele afirma literalmente que é absurdo dizer que se interess

⁴⁵ Ver LACAN, J. Séminaire X. L'Angoisse. Op. cit.

⁴⁶ Ver a esse respeito as teses de André Green sobre os afetos e sobre a linguagem na psicanálise, em GREEN, A. O discurso vivo. Uma teoria psicanalítica do afeto. Trad. Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1982; *Psychanalyse, langage. L'ancien et le nouveau. Revue Critique*, nº 381, Février, 1979; e *Le langage dans la psychanalyse*. In: Langages. Paris, "Les Belles Lettres", 1984.

⁴⁷ "A rigor... não existem afetos inconscientes da mesma forma que existem idéias inconscientes." (FREUD, S. Artigos sobre Metapsicologia. O Inconsciente. In: Ed. St. Vol. XIX. Op.cit. p. 204).

se menos pelos afetos do que por qualquer outra coisa. Para ele, o afeto não é o ser dado na sua imediatez, nem tampouco o sujeito sob uma forma bruta.

Freud disse que o afeto não é recalçado, e Lacan acrescenta que ele é "desarrumado", vai à deriva, é deslocado, invertido, metabolizado. O que é recalçado são os significantes que o amarram. E a angústia é um afeto. Ela é, diz Lacan, uma certa relação com o desejo do Outro. E ele explicita a diferença de suas formulações em relação a Hegel.

Em Hegel, a dependência do sujeito em relação ao desejante que é o Outro se refere ao Outro como consciência. Para Lacan, o Outro existe como inconsciência constituída e interessa o desejo do sujeito na medida do que lhe falta e que ele não sabe. O Outro deve se distinguir do outro como semelhante, é o Outro como lugar do significante.

Em Hegel, o sujeito precisa do Outro para ser reconhecido por ele. O desejo de desejo no sentido lacaniano, diferentemente, é o desejo do Outro aberto a uma espécie de mediação. A partir do Outro originário como lugar do significante, o sujeito ainda não existente terá que se situar como determinado pelo significante. Em relação a esse Outro, dependente dele, o sujeito se inscreve como quociente, marcado pelo traço unário do significante no campo do Outro. Há, porém, um resto, no sentido da divisão, um resíduo, este outro último, irracional, prova e única garantia da alteridade do Outro: é o "a". O que constitui o sujeito como inconsciente é \bar{X} , o Outro enquanto o sujeito não o alcança.

Para Lacan, o investimento da imagem especular é um tempo fundamental da relação imaginária, porque nem todo inves

timento libidinal passa pela imagem especular. Há um resto, que pode ser caracterizado sob a forma central do falo. A nível do imaginário, o falo virá sob a forma central de uma falta. Ele aparece como um branco na medida em que se realiza em $i(a)$ a chamada imagem real, a constituição no material do sujeito da imagem do corpo funcionando como imaginário, libidinizado.

O estatuto do objeto "a", que é o resto, relaciona-se com esse falo, e para Lacan, é dele que se trata quando Freud fala do objeto na angústia. Ele só pode ser imaginado no registro especular, mas para defini-lo seria necessário um outro modo de imaginarização. O que o homem tem em frente a ele é apenas $i(a)$, produzido pela ilusão do espelho. Sob a forma de uma imagem real, há sempre uma imagem virtual sem nada em seu corpo. O "a", suporte do desejo no fantasma, não é visível no que constitui, para o homem, a imagem de seu desejo.

Essa presença do "a", alhures, é o início do desejo. Quanto mais, porém, o homem se aproxima do que ele crê ser o objeto do seu desejo, mais ele é desviado dele, mais corpo ele dá ao que a imagem especular representa no objeto desse desejo. Quanto mais ele busca a perfeição da relação de objeto, mais ele é iludido.

$-\varphi$ ⁴⁸, na álgebra lacaniana, significa que não há imagem da falta. Quando aparece alguma coisa nesse lugar é porque a falta falta. E, se falta qualquer norma, pois a norma é correlativa da idéia de falta, começa a angústia. A angústia parece ligar-se assim à ausência de lei, correlativa da ausência

48 "O preço de tornar-se significante é o próprio desaparecimento do falo. O efeito da castração simbólica aparece no imaginário como falta." (QUINET, A. Op. cit., p. 20).

de falta, correlativa da ausência de desejo.

Freud já fazia da angústia a transformação da libido. $-\varphi$ indica que se deve perfilar uma relação com a reserva libidinal, com alguma coisa que não se investe ao nível da imagem especular, porque fica investida profundamente, irredutível ao nível do corpo próprio. É nesse lugar designado por $-\varphi$ que pode aparecer a angústia de castração na sua relação ao Outro. A angústia surge quando algum mecanismo preenche o lugar correspondente ao "a" do objeto do desejo.

A angústia está ligada ao fenômeno de estranheza, analisado por Freud em "O Estranho"⁴⁹, onde aparece a importância que ele dá à lingüística. A partir do termo *Umheimlich*⁵⁰ de Freud, Lacan observa que a palavra *heim* tem, na experiência humana, o sentido de casa do homem: o homem encontra sua casa num ponto situado no Outro, além da imagem da qual é feito, lugar que representa a ausência onde ele está. A imagem especular torna-se a imagem do duplo com o que ela traz de estranheza radical, fazendo o homem aparecer como objeto ao lhe revelar sua não autonomia de sujeito. Nesse ponto *heim*, não apenas o desejo se revela como desejo do Outro, desejo no Outro, mas o sujeito torna-se objeto, exilado de sua subjetividade. O sujeito só acede a seu desejo substituindo-se sempre a um de seus próprios duplos.

Em "Inibição, Sintoma e Angústia"⁵¹, Freud parece di

⁴⁹ Ver FREUD, S. O Estranho. In: Ed. St. Vol. XVII. Op. cit.

⁵⁰ "(...) j'aborderai cette année l'angoisse par l'*Umheimlich*, c'est ce qui apparaît a cette place." (LACAN, J. Séminaire X. L'Angoisse. Op. cit., p. 43). Ver também p. 51-3.

⁵¹ Ver FREUD, S. Inibição, Sintoma e Angústia. In: Ed. St. Vol. XX. Op. cit.

zer que a angústia é a reação à perda de um objeto. Para Lacan, a angústia não é o sinal de uma falta, mas de um defeito desse apoio da falta. Não é a nostalgia do seio materno que gera a angústia, mas sua iminência. A possibilidade da ausência é que assegura a presença. O que há de mais angustiante para a criança é a não possibilidade de falta, quando a mãe está todo o tempo presente. Assim a angústia não é associada com a perda do objeto, mas com a presença dos objetos que não faltam. A função do objeto de desejo é decisiva em relação à angústia.

$-\phi$ é o lugar da angústia enquanto lugar que constitui um certo vazio. É o resto, resíduo não imaginado do corpo que se manifesta no lugar previsto para a falta, e que, por não ser especular, não é localizável. Essa falta de pontos de referência faz parte da angústia. Para que ela se produza, são necessárias duas condições: que a falta surja sob uma forma positiva e que uma demanda produza esse campo da falta.

A angústia deve ser abordada na dimensão do Outro. Lacan diz que o significante representa um sujeito para um outro significante, distinguindo-se do signo, que representa alguma coisa para alguém. O obsessivo, na sua maneira particular de colocar o significante em dúvida, opera no sentido de reencontrar sob o significante o signo, voltando sempre à etapa anterior, à origem. Há inicialmente um "a" e um "A" no intervalo dos quais o sujeito S aparece, com o nascimento do significante, mas como barrado, como não sabido. A localização ulterior do sujeito repousa sobre a necessidade de reconquista desse não sabido original, o inconsciente. Se a demanda é alguma coisa estruturada porque o significante é o que é, ela não deve ser tomada ao pé da letra. A angústia surge quando uma res-

posta à demanda preenche um certo vazio, obstruindo o desejo.

Lacan nos diz que toda a história do pensamento até Pascal está marcada pelo horror à idéia de que pudesse haver vazio em algum lugar. Para Pascal, o horror ao vazio significava justamente o horror dos cientistas de seu tempo ao desejo⁵². Ao falar da angústia, Lacan afirma-se fora do campo da metafísica, pois, para ele, há uma estrutura da angústia: ela tem limites, é enquadrada pelo conteúdo do espelho.

O inquietante, o *Umheimlich*, pertence ao campo da angústia. Ele é o que no mundo não se pode dizer, o introduzido de repente. A angústia não é a espera, o estado de alerta, diz Lacan. Ela surge quando aparece no quadro o que já estava lá, *Heim*, o hóspede desconhecido que aparece de maneira inopinada, mas bem trabalhado pela espera. Ele não é o *Heimlich*, o habitante da casa, mas o hostil admitido, que nunca passou pela peneira do reconhecimento, que permaneceu *Umheimlich*.

O fenômeno da angústia é esse aparecimento do *Heimlich* no quadro, por isso, para Lacan, a angústia não é sem objeto; ela tem uma outra espécie de objeto. Enquanto os significantes fazem do mundo uma rede de traços, a angústia é esse corte sem o qual a presença do significante no real é impensável. Corte que deixa aparecer o inesperado, a visita, a novidade, tão bem expresso pelo termo de pressentimento, que, para Lacan, não é simplesmente o pressentimento de alguma coisa, mas o "pré" do sentimento, o que vem antes do sentimento.

A verdadeira substância da angústia, diz ele, "aquilo que não engana", o fora de dúvida, embora ligado a ela e à

⁵² Pascal viveu no século XVII.

hesitação, não é a dúvida: a angústia é a sua causa. A dúvida é feita para combater a angústia, e todo o seu esforço se dirige contra os enganos possíveis. O que se trata de evitar é o que a angústia guarda de horrível certeza. É talvez justamente da angústia que a ação toma emprestada sua certeza. Agir é operar uma transferência de angústia, arrancando-lhe sua certeza. Dominar os fenômenos pelo pensamento é fazer deles significantes, traços do sujeito no curso do mundo. A angústia é justamente o que escapa a esse jogo.

Segundo Lacan, Freud respondeu à questão, sempre evitada pela tradição filosófica, da relação do desejo à lei: o desejo e a lei, que parecem se opor numa relação antitética, são uma só e mesma barreira para impedir o acesso à Coisa, *das Ding*. Desejando, o sujeito se engaja na rota da lei. Enquanto deseja, ele nada sabe daquilo que deseja, e de tempos em tempos, um objeto aparece entre os outros, sem que o sujeito saiba realmente porque, embora ele sirva para cobrir sua angústia. Esses objetos substitutos seriam os chamados elementos "a", máscaras da falta instaurada pelo objeto perdido.

O estatuto do objeto de desejo é, para Lacan, distinto do objeto definido pela epistemologia, e passa pela descoberta da eficácia da operação significante. A notação algébrica "a" é instituída por ele, partindo do pressuposto de que a notação por uma palavra, por um significante, é sempre metafórica, deixando fora da significação induzida por sua introdução a função do próprio significante.

A designação desse pequeno "a" pelo termo de objeto é metafórica, pois ele é tomado emprestado da relação sujeito-objeto, de onde se constitui o termo objeto, que é justamente

externo a qualquer definição da objetividade. Lacan recorre ao estatuto do objeto para dar lugar ao simbólico, para não fazer extrapolações do imaginário no simbólico.

Para ele, o sujeito não pode ser situado de forma exaustiva na consciência, pois ele é primitivamente inconsciente, sendo-lhe necessariamente anterior a incidência do significante. O sujeito nasce da entrada do significante no real. O que permite ao significante se encarnar é o fato de que o sujeito tem um corpo para presentificá-lo aos outros. Corpo que para Lacan não é constituível à maneira de Descartes no campo da extensão, mas que é dado no espelho. O valor da imagem começa, porém, a mudar, se o olhar que aparece no espelho não mais olha o próprio sujeito, causando um sentimento de estranheza que é a porta aberta para a angústia.

O estágio do espelho é fundamental para a instituição do campo do objeto. Lacan distingue o objeto "a" do objeto criado, construído a partir da imagem especular. No "a" estão os objetos anteriores à constituição do estatuto do objeto comum, comunicável, socializado. Eles correspondem às cinco formas de perda que Freud designa em "Inibição, Sintoma e Angústia", como os maiores momentos de aparição do sinal.

Para Lacan, a função do objeto é perfeitamente sensível nas formulações de Freud, particularmente nas que concernem à pulsão. Segundo ele, na XXXII^a lição das "Novas Conferências Introdutórias" aparece claramente a distinção entre *Ziel*, o objetivo da pulsão, e o objeto⁵³. Este se desloca e de

⁵³ Ver FREUD, S. Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise. Conferência XXXII. In: Ed. St. Vol. XXII. Op. cit.

ve ser situado no exterior, mas a satisfação da tendência só se realiza na medida em que ela reencontra alguma coisa no interior do corpo.

O que Lacan introduziu como função topológica serve para formular a noção de um exterior antes de uma certa interiorização, antes que o sujeito se apreenda no lugar do Outro nessa forma especular que introduz a distinção do eu e do não-eu. É a esse exterior, lugar do objeto antes de qualquer interiorização, que pertence a noção de causa.

O Superego participa da função desse objeto enquanto causa, diz Lacan. O desejo do pai e a lei são uma só e mesma coisa. Só a função da lei traça o caminho do desejo da mãe. É na medida em que a lei o interdita que ela impõe o desejo. É a partir daí que se coloca que a mulher que se deve preferir é outra que não a mãe. Assim, o imperativo faz desejar.

O objeto "a" é a reserva última, irredutível, da libido. O lugar eleito da angústia é esse lugar onde a constituição da imagem especular mostra seu limite. É com essa falta que se ama, diz Lacan. Amar é dar o que não se tem. É o princípio do complexo de castração: para ter o falo, servir-se dele, é preciso não tê-lo. Ama-se, é-se amante, com o que não se tem. "a" é o que não se tem mais, não é do mundo exterior que se tem falta, é de si mesmo.

A angústia, para Lacan, é o que é comum ao sujeito e ao Outro. É um sinal no eu, deve estar portanto em algum lugar no Eu-ideal, função através da qual o eu é constituído, pela série de identificações a certos objetos. $i(a)$ é a imagem real, inversão especular da superfície real, que antes do estágio do espelho estava na desordem dos pequenos "a". A subjetivação de

"a" como puro real é o que o corpo do esquizofrênico era dentro do ventre para sua mãe.

Não podemos apreender a função do "a" a não ser contornando-o. $-\varphi$ aparece no lugar onde "a" falta, já que a manifestação do objeto "a" como falta é estrutural.

A angústia como sinal, fenômeno de borda do eu quando ele é constituído, é reencontrada por Lacan nos fenômenos de despersonalização, que começam com o não reconhecimento da imagem especular: o que é visto no espelho não é proposto ao reconhecimento do Outro porque é angustiante, como a relação dual na psicose também afasta o sujeito da relação ao grande Outro.

Para Lacan, a angústia não é sem objeto. O seu objeto não é, porém, acessível pela mesma via que todos os outros. Não se pode dizer de que objeto se trata. A angústia introduz a função da falta. Não há falta, num tempo, no real: ela só pode ser apreendida por intermédio do simbólico. Ela é radical à constituição da subjetividade. Desde que alguma coisa do real vem ao saber, alguma coisa é perdida irremediavelmente, e a melhor maneira de aproximar-se dessa coisa é concebê-la como um pedaço do corpo. A falta é da ordem do simbólico, mas a privação é da ordem do real. O discurso gira ao redor de uma privação real: uma mulher não tem pênis. Mas se o pênis não for simbolizado como o elemento essencial a ter ou não ter, ela nada saberá dessa privação: a falta é simbólica. A castração também é simbólica, na medida em que ela se relaciona a um certo fenômeno de falta à qual o símbolo não supre.

Segundo Lacan, o pequeno "a" pode aparecer na relação ao Outro sob dois aspectos, que podem ser reunidos pela

função da angústia. Por um lado, ela é a defesa mais radical, resposta ao perigo mais original, ao desamparo da entrada no mundo, e por outro lado, vai ser retomada pelo eu como sinal de perigos mais leves, as ameaças do Id. O retorno de um desejo arcaico seria tão perigoso que mereceria a mobilização do sinal da angústia. Depois de fazer dela, entretanto, o corpo último de toda defesa, o discurso analítico passou a falar de defesa contra a angústia: o sujeito teria que se defender contra esse instrumento tão útil para adverti-lo do perigo. Lacan tenta ultrapassar esse paradoxo formulando diferentemente as coisas: para ele, a defesa não é contra a angústia, mas contra aquilo de que ela é sinal, de uma certa falta. O objeto "a" é o objeto absolutamente estranho ao sujeito, enquanto causa de sua falta.

O mito da autonomia do sujeito é uma defesa. O que Lacan chama o real intervém elidindo o sujeito, determinando o recalque, o retorno do significante ao estado de traço. Reenviando o sujeito ao traço, o real abole o sujeito, pois só há sujeito através do significante: um significante é o que representa o sujeito para um outro significante⁵⁴.

Freud fala da angústia se produzindo no eu como sinal de um perigo interno. É um signo representando alguma coisa para alguém: o perigo interno para o eu. Mas Lacan diz que não há perigo interno, pois o invólucro do aparelho neurológico, tal como dado por Freud no "Projeto"⁵⁵, não tem interior,

⁵⁴ "(...) un signifiant est ce qui représente le sujet pour un autre signifiant." (LACAN, J. Séminaire X. L'Angoisse. Op. cit., p. 192).

⁵⁵ Ver FREUD, S. Projeto para uma Psicologia Científica. In: Ed. St. Vol. I. Op. cit.

só tem uma superfície, estrutura que se interpõe entre percepção e consciência, numa outra dimensão enquanto lugar do significante. A angústia é introduzida, então, como manifestação do desejo do Outro.

O desejo do Outro toma seu valor de sinal, que, embora se produza num lugar que se pode chamar topologicamente o eu, concerne a alguém outro. O eu é o lugar do sinal, mas não é para o eu que o sinal é dado. Ele é dado para que o sujeito seja advertido de alguma coisa, que é um desejo, uma demanda que não concerne a necessidade alguma, a nada além do próprio ser, que o coloca em questão, que o anula, que solicita sua perda para que o outro aí se reencontre. É isso a angústia. O desejo do Outro não reconhece o sujeito, coloca-o em causa, interroga-o na raiz do seu desejo como "a", como causa desse desejo e não como objeto dele.

Freud disse que a angústia é angústia diante de alguma coisa⁵⁶. Lacan diz, entretanto, que, sendo a relação com esse objeto a causa do desejo, ela se opõe a esse "diante de". Esse "diante de alguma coisa" de Freud é o que ele chama o perigo interno, aquele que vem de dentro. Só a função opaca de real, da qual parte Lacan para lhe opor a função do significante, permite dizer que essa alguma coisa diante da qual a angústia opera como sinal é para o homem necessária, da ordem do irreduzível do real. Por isso Lacan diz que a angústia é o sinal que não engana: ela é o sinal do real, do modo indizível sob o qual ele se apresenta na experiência. Seu lugar é aquele

⁵⁶ "Angst ist Angst vor etwas." Ver FREUD, S. Inibição, Sintoma e Angústia, citado por Lacan no Seminário X, p. 199.

de onde pode se inscrever a divisão com o signo da barra.

É no lugar do Outro, sob as espécies primárias do significante, que o sujeito tem que se constituir. Partindo do significante que lhe é anterior, o sujeito faz sua primeira interrogação. Entre o \bar{A} resposta e o A dado, aparece o resto irredutível do sujeito, "a". Para Lacan, é com esse objeto perdido que tem a ver a angústia, logicamente anterior ao momento do desejo. Ela está radicalmente ligada a esse objeto que funciona como resto do sujeito. E ele observa que, curiosamente, este estatuto real do objeto foi deixado de lado justamente pelos que se pretendem referências biologizantes da psicanálise. A angústia aparece na separação, mas se os objetos são separáveis é porque eles já têm a característica de serem justapostos ao corpo.

A primeira intuição de Freud sobre uma fonte da angústia é o coito interrupto⁵⁷. Ela é provocada quando o instrumento de gozo é colocado fora de jogo. Para Lacan, o fato de que o falo seja mais significativo na vivência humana por sua queda, sua possibilidade de ser objeto caído, do que por sua presença, é o que designa o lugar da castração na história do desejo. A angústia tem uma função mediana entre o gozo e o desejo, o gozo só conhecerá o Outro A, por este resto "a".

"a" é o que resiste à assimilação à função do significante, simbolizando o que, na sua esfera, se apresenta sempre como perdido. Esse resíduo que resiste à significantização, diz Lacan, vem constituir o fundamento do sujeito desejante, não

57 Ver FREUD, S. Extratos dos documentos dirigidos a Fliess. Rascunho E. In: Ed. St. Vol. I. Op. cit. p. 261.

do sujeito do gozo. A angústia se situa na fenda do desejo ao gozo. É ultrapassando a angústia que o desejo se constitui. Há sempre um resto quando o desejo é "satisfeito". O fim do desejo é sempre um falso fim.

Para Lacan, o gozo deve ser concebido miticamente e o desejo se constitui aquêm da zona que separa gozo e desejo, falha onde se produz a angústia. Ele diz que o desejo não concerne ao outro real em seu centro, mas excentricamente, "a" substituto de A. Para "a", objeto dos objetos, o vocabulário da psicanálise criou o termo de objetividade, em oposição ao de objetividade.

O sujeito só é objeto do desejo como corpo. Desde que fala, já está implicado no seu corpo por essa fala. Devido ao engajamento na dialética significante, há sempre no corpo alguma coisa separada, inerte, que Lacan chama a libra de carne. E essa função de resto resiste a todo encontro com o significante.

Lacan parte da função do objeto na teoria freudiana como objeto oral, objeto anal e objeto fálico, para ele distinto do objeto genital, para completar essa lista com dois outros objetos, representantes do "a": o olhar e a voz.

No estágio oral, há uma certa relação da demanda ao desejo velado da mãe. No estágio anal entra em jogo para o desejo a demanda da mãe. No estágio da castração fálica entra em jogo o $-\varphi$, a negatividade do instrumento do desejo, no momento do seu surgimento no campo do Outro. Mas a estrutura do "a" como separado ultrapassa essas três etapas. O objeto "a" como resto da dialética do sujeito ao Outro deve ser também de finido no campo do desejo a outros níveis.

O caminho da angústia permitirá a Lacan clarear a função do objeto em relação ao desejo. Ele liga o desejo ao corte, colocando-o em relação com o resto, o qual sustenta a função analítica do objeto parcial. A angústia é criada pela não coincidência da falta com o desejo, nessa distância onde o sujeito vacila na sua relação ao objeto parcial.

A fórmula freudiana de que a anatomia é o destino é para Lacan incompleta e só se torna verdadeira se ele dá ao termo anatomia o sentido que dá valor à função do corte. O destino, a relação do homem à função do desejo, se anima na medida em que é concebível esse corte do corpo próprio, esse despedaçamento.

O "a" é alguma coisa da qual a criança é separada de maneira interna. A separação interior é o que se encontra desde a origem e desde o nível da pulsão oral, inscrito no que vai estruturar o desejo. No funcionamento fálico ligado à cópula, há também a imagem de um corte, uma separação, o que, diz Lacan, chamamos impropriamente castração.

O ponto de angústia está ao nível do Outro, do corpo da mãe. Por isso o sujeito está suspenso, identificado a este "a", resto escondido que é preciso detectar subjacente a toda relação do sujeito a um objeto qualquer. O corte é interno ao campo do sujeito, o desejo funciona no interior de um mundo que traz o traço de seu primeiro falhamento. Ao nível do complexo de castração, há uma troca do ponto de desejo e do lugar da angústia. Se não houvesse o Outro, mãe castradora ou pai da interdição original, não haveria castração. O orgasmo também está ligado ao corte, à separação, ao desaparecimento da função do órgão num certo momento. Freud diz que o orgasmo representa

para o homem a maior satisfação: de todas as angústias, diz Lacan, essa é a única que realmente se realiza.

Para Lacan, o desejo é ilusório porque se endereça sempre alhures, a um resto constituído pela relação do sujeito ao Outro. O falo não existe para fechar de maneira aliviante a dialética da relação do sujeito ao Outro e ao real.

A imagem especular $i(a)$, presença no Outro sem resto, que domina no estádio do espelho, é fechada, marcada por uma boa forma que elide a castração. Mascara a angústia do que falta ao desejo. "a", o que falta, não é especular, não é apreensível na imagem. É com a função da fala que se introduz a abertura nessa imagem fechada. A voz, objeto essencial que faz função de "a", traz novas dimensões à relação do desejo à angústia.

Para Lacan, o falo como imaginário funciona a todos os níveis caracterizados por uma certa relação do sujeito ao "a", exceto no estádio fálico, onde ele é esperado como mediador. O princípio da angústia de castração é precisamente esse desvanecimento da função fálica. Ela se relaciona ao campo onde a morte se liga estreitamente à renovação da vida como o sinal de uma ameaça ao estatuto do "eu". É porque o falo só realiza na sua evanescência o reencontro dos desejos, que ele se torna o lugar comum da angústia. Para Lacan, a zona onde os desejos do homem e da mulher se alcançariam se caracteriza pela falta do que seria o seu meio-termo, o falo. A angústia é a verdade da sexualidade, porque o falo não se encontra onde é esperado, exigido, no plano da mediação genital. E a castração toma o lugar dessa verdade. O falo, esperado como sexual, só aparece como falta.

O que tem de satisfatória a forma especular, diz Lacan, é mascarar o aparecimento do *Unheimlich*. O olho faz o sujeito desconhecer, na relação ao outro, que sob o desejável há um desejante. "a" nasce alhures e antes dessa captura que o oculta. O sujeito S, ainda desconhecido, tem que se constituir no Outro e "a" aparece como resto dessa operação.

Na origem, S nada tem a comunicar, pois todos os instrumentos da comunicação estão no campo do Outro, e S deve recebê-los dele. É por isso que Lacan diz que o sujeito recebe do Outro sua mensagem sob uma forma invertida. A linguagem está em circulação no real. Mas, nem tudo que o sujeito recebe do Outro pela linguagem passa necessariamente pela voz: a linguagem para Lacan não é vocalização.

Os monólogos da criança que Piaget chama de "linguagem egocêntrica", só podem se produzir numa certa comunidade⁵⁸. Se a voz tem alguma importância, é na medida em que sua emissão ressoa no vazio do Outro. O vazio da falta de garantia é estrutural ao Outro. A verdade entra no mundo com o significante, diz Lacan, antes de qualquer controle. E o significante se experimenta, reenviando-se por seus ecos no real.

Nas correlações do desejo e da angústia, "a" é também para Lacan moção pulsional, *émoi pulsionnel*. A origem do termo *émoi* é bem distinta da do termo emoção, que é etimologicamente "moção fora", movimento fora do campo organizado da ação motora. A etimologia de *émoi* indica alguma coisa que colo-

⁵⁸ Cf. LACAN, J. Séminaire X. L'Angoisse. Op. cit., p. 328.

ca fora o eu. O *émoi* é para Lacan o "a", o resto⁵⁹. A angústia não é sem objeto, e designa este objeto último, a coisa. É nesse sentido que ela não engana: a angústia determina a moção. Encontra-se suspensa entre a relação anterior à causa, e alguma coisa que não pode segurar essa causa, que primitivamente é produzida pela angústia. A causa nada mais é do que o objeto último da busca do sujeito, jamais encontrado, cujos equivalentes aparecem na cadeia significante.

A função da causa é inapreensível, diz Lacan. Há sempre uma causa atrás de uma causa. Quanto mais ela é criticada, mais as exigências do determinismo são impostas ao pensamento. Quanto menos ela é apreensível, mais tudo parece causado. "Tudo é causado" reproduz na história um começo, um não causado. O "a" é precisamente essa função da causa enquanto anterior a toda fenomenologia. Ele é o resto da constituição do sujeito no lugar do Outro como sujeito falante⁶⁰.

Recapitulemos então com Lacan a definição da angústia passando pelos cinco estágios do objeto "a". A angústia se para o desejo do gozo, produz-se no lugar da falta de objeto. A origem, a base e a estrutura da função do desejo é esse objeto central "a" enquanto separado, elidido, sempre em outro lugar. Lacan acrescenta aos objetos oral, anal e fático, enquanto cada um é gerador e correlativo de um tipo de angústia, dois outros estágios do objeto: o estágio do olhar e o estágio do

59 "(...) *Triebregung* par *émoi* pulsionnel est une traduction tout à fait impropre et justement de toute la distance qu'il y a entre l'*émotion* et l'*émoi*. L'*émoi* est trouble, chute de puissance, la *Regung* est stimulation, l'appel au désordre, voire à l'*émeute*." *Idem*, *ibidem*, p. 14.

60 *Idem*, *ibidem*, p. 342.

ouvido.

Freud designou a angústia no final de sua obra como sinal articulado ao que ele chama "perigo vital", ligado, para Lacan, ao momento constitutivo do objeto "a"⁶¹. A função angustiante do desejo do Outro se manifesta desde a primeira abordagem do tema em Lacan, ligada ao fato de que o sujeito não sabe que objeto "a" ele é para esse desejo voraz do Outro.

A nível oral, a realidade do outro é presentificada pela necessidade. No segundo nível, o anal, com a demanda do outro, alguma coisa propriamente dita se destaca como "a" em relação à cadeia significante, função do Outro. A angústia parece antes de tudo articulação da demanda do outro.

A nível do desejo escópico, a estrutura do desejo é mais plenamente desenvolvida na sua alienação fundamental e é lá que o objeto "a" é mais mascarado. Ele é o primeiro suporte na relação ao Outro, aquilo pelo qual o sujeito é requisitado inicialmente pelo Outro a se manifestar como sujeito, entrando no mundo como resto irredutível em relação ao que lhe é imposto pela marca simbólica.

O desejo, enquanto desejo de desejo, leva à angústia na sua função mais original. A angústia, ao nível da castração, representa o Outro.

Se o desejo no seu caráter mais alienado, mais fantasmático, é o que caracteriza o quarto nível, o do objeto escópico, é no quinto nível, o da voz, que o "a" se revela, abertamente alienado como suporte do desejo do outro, que desta vez se nomeia. No quinto nível articulam-se a dimensão auditiva e

⁶¹ Idem, ibidem, p. 389.

a função paterna.

O desconhecimento do "a" é o que deixa uma porta aberta. Ele deve ser situado no campo do Outro, enquanto jamais alcançado. Só há superação da angústia quando o Outro é nomeado. Para que o trabalho seja possível além do limite da angústia, o analista deve fazer seu desejo reentrar neste "a" irreduzível.

Falar do analista e da angústia, faz voltar à psicose, pela vertente da angústia que se faz presente no trabalho analítico com o paciente psicótico.

Se a angústia é um afeto, tentemos retomá-la na estrutura psicótica: quando abordamos o psicótico, especialmente o paciente psicótico que passou pela instituição psiquiátrica, costumamos encontrar nele o chamado "comprometimento afetivo" relatado pelos psiquiatras, noção nem tão fácil de apreender para os iniciantes, nem tão óbvia para os que se engajam na análise de um psicótico, desde que ele comece a falar.

Seria tratar do psicótico restabelecer o lugar da angústia na estrutura, entre o desejo e o gozo? O "comprometimento afetivo" do psicótico não seria a ausência do desejo, a ausência da falta, a angústia onipresente, a hegemonia do real?

O analista terá que ocupar o lugar do objeto "a", esse dejetivo, resíduo perdido, para que o psicótico possa falar do lugar do sujeito, tornar-se $\$$, sujeito da falta. Mesmo que o psicótico não possa ficar nesse lugar, a "cura" deve apontar nessa direção. A angústia só pode ser ultrapassada quando o Outro é nomeado, disse Lacan, quando o desejo é introduzido na estrutura que pretendia o acesso ao gozo. A angústia no psicótico não é essa presença avassaladora e insuportável do gozo?

A ausência de norma, correlativa da ausência de falta?

Tirar o psicótico desse lugar de gozo é o desafio que se apresenta ao analista, face ao seu chamado "comprometimento afetivo". Como operar frente à sua angústia?

À GUIZA DE CONCLUSÃO

Seria muita pretensão querer concluir, em se tratando do nosso tema: A Psicose na Cena Psicanalítica. Cremos porém que avançamos alguns passos no caminho da abordagem do psicótico pela psicanálise e que uma porta encontra-se aberta nessa direção.

Como vimos, Lacan não ignorou os afetos, e acreditamos não ser a linguagem a última palavra em sua teoria. Ele estabeleceu nela o lugar privilegiado do real, com os conceitos de *das Ding* e de objeto pequeno "a", que se mostram particularmente fecundos na abordagem das psicoses. Como nos mostrou Gérard Pommier, é colocando-se no lugar do objeto "a" que o analista pode permitir ao psicótico sair de uma posição de objeto de gozo e falar de um lugar de sujeito. Não sabemos se o psicótico pode se sustentar aí, mas nos parece que é nessa direção que caminha sua "cura".

A angústia na obra de Lacan nos deixa em aberto uma questão: não sabemos bem se o que se apresenta no psicótico é a ausência de angústia ou sua onipresença. De qualquer forma, o desejo de um analista terá que fazê-la circular. Se a angústia é o espaço vazio entre o desejo e o gozo, cabe a ele tirar o psicótico do seu pretense lugar de gozo, introduzindo o sig-

nificante dentro do real.

Lacan coloca-se fora do campo da metafísica, mas não podemos deixar de ver uma ética permeando este lugar que ele nos propõe enquanto analistas: não há Bem Supremo, buscado pelo psicótico como lugar do seu gozo. Cabe a nós, enquanto ocupantes da cadeira de analistas, fazer circular o Desejo. Para cada Desejo "satisfeito" sempre haverá um resto, esse "a". Não é ele um equivalente da pulsão de morte, motor da vida?

A psicose, nessa perspectiva, deixa de ser um capítulo da nosologia psiquiátrica: a loucura, Lacan não foi o primeiro nem será o último a dizer, faz parte da existência do homem.

BIBLIOGRAFIA

- AULAGNIER, P. Observações sobre a estrutura psicótica. In: Psicose: uma leitura psicanalítica. Belo Horizonte, Interlivros, 1979.
- BARTHES, R. Elementos de Semiologia. Trad. de Izidoro Blikstein. São Paulo, Cultrix, 1975.
- BROCA, R. et alii. Psicosis y Psicoanálisis. Trad. de J.C. Indart, Cristina Navarro e D. Rabinovich. Buenos Aires, Manantial, 1985.
- CAZOTTE, J. El diablo enamorado. Trad. de Luis Alberto de Cuenca. Madrid, Siruela, 1985.
- DERRIDA, J. El concepto de verdad en Lacan. Trad. de Hugo Acevedo. Argentina, Homo Sapiens, 1977.
- DE WAELEHENS, A. La Psicosis - Ensayos de interpretación analítica y existencial. Versión Española de A. Guerra Miralles. Madrid, Morata, 1973.
- FERRATER MORA, J. Diccionario de Filosofía. Madrid, Alianza, 1984.
- FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Trad. de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1976.
- GARCIA-ROZA, L.A. Acaso e repetição em psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1986.

GODINO CABAS, A. Curso e discurso da obra de Jacques Lacan.
São Paulo, Moraes, 1982.

—————. La function del falo en la locura. Buenos Aires,
Trieb, 1980.

GREEN, A. O discurso vivo. Uma teoria psicanalítica do afeto.
Trad. de Ruth Joffily Dias. Rio de Janeiro, Francisco Alves,
1982.

—————. Psychanalyse, langage. L'ancien et le nouveau.
In: Revue Critique, nº 381, Février, 1979.

—————. Le langage dans la psychanalyse. In: Langages.
Paris, "Les Belles Lettres", 1984.

HEIDEGGER, M. La chose. In: Essais et Conférences. Trad. fran-
çaise. Paris, Gallimard, 1958.

JURANVILLE, A. Lacan et la philosophie. Paris, Presses Univer-
sitaires de France, 1984.

KREMER-MARIETTI, A. Lacan ou la rhétorique de l'inconscient.
Paris, Aubier-Montaigne, 1978.

KRISTEVA, J. História da Linguagem. Trad. de M. Margarida
Barahona. Lisboa, Edições 70, 1969.

LABARTHE, P.L. & NANCY, J.-L. El título de la letra. Trad. de
Marco Galmarini. Barcelona, Buenos Aires, 1981.

LACAN, J. A família. Trad. de Brigitte Cardoso e Cunha, Ana Paula dos Santos, Graça Lamas e Graça Lapa. 2.ed. Lisboa, Assírio e Alvim, 1981.

—————. De la psychose paranoïaque dans ses rapports avec la personnalité suivi de premiers écrits sur la paranoïa. Paris, Seuil, 1981.

—————. Écrits. Paris, Seuil, 1966.

—————. Le Séminaire. Livre III. Les Psychoses. Paris, Seuil, 1981.

—————. Le Séminaire. Livre VII. L'éthique de la psychanalyse. Paris, Seuil, 1986.

—————. Seminaire X. L'Angoisse. Inédito.

—————. O Seminário. Livro 11. Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.

—————. O Seminário. Livro 20. Mais, ainda. 2.ed. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1985.

LAPLANCHE, J. & PONTALIS, J.-B. Vocabulário da Psicanálise. 3.ed. Lisboa, Moraes, 1976.

LECLAIRE, S. À procura dos princípios para uma psicoterapia das psicoses. In: Psicose: uma leitura psicanalítica. Op.cit.

- _____. A propósito do episódio psicótico apresentado pelo "Homem dos Lobos". In: Psicose: uma leitura psicanalítica. Op. cit.
- LEFORT, R. & Robert. Nascimento do Outro. Trad. de Angela Jesuíno. Salvador, Fator, 1984.
- LEMAIRE, A. Jacques Lacan - Uma introdução. Trad. de Durval Checchinato. Rio de Janeiro, Campus, 1979.
- MILLER, Jacques-Alain. Clínica del Superyó y Teoría de los goces. Conferencias Porteñas, Septiembre, 1981.
- POMMIER, Gérard. D'Une logique de la psychose. Paris, Point Hors Ligne, 1983.
- QUINET DE ANDRADE, A.L. Clínica da Psicose. Publicação dos Seminários da Clínica Freudiana. Salvador, Fator, 1986.
- ROUDINESCO, E. Histoire de la psychanalyse en France. Vol. 2. Paris, Seuil, 1986.
- SAFOUAN, M. Da Forclusão. In: Psicose: uma leitura psicanalítica. Op. cit.
- SCHREBER, D.P. Memórias de um doente dos nervos. Trad. de Marilene Carone. Rio de Janeiro, Graal, 1984.
- SOLER, C. La psychose. problématique. Conférence faite à Paris en Novembre, 1982.

VERGOTE, A. Raisons de la déraison. A propos du livre d'A. De Waelhens: La Psychose. In: Revue Philosophique de Louvain. N° 12. Louvain, Éditions de l'Institut Supérieur de Philosophie, Novembre, 1973.

BIBLIOGRAFIA COMPLEMENTAR

- ARISTÓTELES. Metafísica - Livros I e II. Trad. Vincenzo Cocco. In: Os Pensadores. São Paulo, Abril, 1979.
- _____. Ética a Nicômaco. Trad. Leonel Vallandro e Gerd Bornheim. In: Os Pensadores. São Paulo, Abril, 1979.
- ASSOUN, P.-L. Les fondements philosophiques de la psychanalyse. Paris, Hachette, 1982.
- BRÉHIER, E. História da Filosofia. Trad. Eduardo Sucupira Filho. São Paulo, Mestre Jou, 1977.
- CASTRO, E.M. Psicanálise e linguagem. São Paulo, Ática, 1986.
- CHÂTELET, F. História da filosofia. Rio de Janeiro, Zahar, 1973.
- DELEUZE, G. & GUATARRI, F. O anti-édipo. Trad. Georges Lamazière. Rio de Janeiro, Imago, 1976.
- DERRIDA, J. A escritura e a diferença. Trad. Maria Beatriz Marques Nizza da Silva. São Paulo, Perspectiva, 1971.
- _____. Gramatologia. Trad. Miriam Schnaiderman e Renato Jani ni Ribeiro. São Paulo, Perspectiva/Ed. da Universidade de São Paulo, 1973.
- DESCARTES, R. Discurso do método. Trad. de J. Guinsburg e Bento Prado Júnior. In: Os Pensadores. São Paulo, Abril, 1974.
- _____. Meditações. In: Op. cit.
- DUCROT, O. & TODOROV, T. Dicionário das ciências de linguagem. Trad. de A.J. Massano, José Afonso, Manuela Carrilho e Margarida Font. Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1974.

- ESPINOSA, B. Ética. Trad. Joaquim de Carvalho, Joaquim F. Gomes e Antônio Simões. In: Os Pensadores. São Paulo, Abril, 1973.
- FOUCAULT, M. As palavras e as coisas. Trad. Antônio Ramos Rosa. Lisboa, Portugal, s/d.
- _____. História da loucura. Trad. José Teixeira Netto. São Paulo, Perspectiva, 1978.
- GODINO CABAS, A. O enigma da loucura. In: TELLES DA SILVA, Luiz Olinto (org.) Pagar com palavras - estudos psicanalíticos. Maiêutica em co-edição com Ed. Movimento. Porto Alegre, 1984.
- HEIDEGGER, M. Conferências e escritos filosóficos. Trad. Ernildo Stein. In: Os Pensadores. São Paulo, Abril, 1973.
- HENRY, M. Généalogie de la psychanalyse. Paris, Presses Universitaires de France, 1985.
- JURANVILLE, A. Psychanalyse et philosophie. In: Ornicar. Paris, Navarin Éditeur, 29, été, 1984.
- KANT, I. Crítica da razão pura. Trad. Valério Rohden. In: Os pensadores. São Paulo, Abril, 1974.
- _____. Fundamentação da metafísica dos costumes. Trad. Paulo Quintela. In: Os pensadores. São Paulo, Abril, 1974.
- MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da percepção. Trad. Reginaldo Di Piero. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1971.
- MONDOLFO, R. O pensamento antigo. Trad. Lycurgo Gomes da Motta. São Paulo, Mestre Jou, 1973.
- NIETZSCHE, F. Obras incompletas. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. In: Os Pensadores. São Paulo, Abril, 1974.

Os Prê-Socráticos. In: Os Pensadores. São Paulo, Abril, 1973.

PLATÃO. A república. Trad. J. Guinsburg. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1973.

_____. O banquete. Trad. J.C.Souza. In: Os Pensadores. São Paulo, Abril, 1972.

RICŒUR, P. Da interpretação - ensaio sobre Freud. Trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro, Imago, 1977.

ROLNIK, S. Entrevista ao Fala Galba. Publicação do Centro Científico Cultural "Rodrigo Teixeira de Sales". Belo Horizonte, Ano IV, nº 1. Jan./fev. 1987.

SANTIAGO, S. Glossário de Derrida. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976.

VAZ, H.C.L. A dialética do Senhor e do Escravo. Conferência feita no Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da U.F.M.G., Belo Horizonte.

VERNANT, J.-P. As origens do pensamento grego. Trad. Ísis Borges B. da Fonseca. Rio de Janeiro/São Paulo, Difel, 1977.

_____. Mito e pensamento entre os gregos. Trad. Haiganuch Sarian. São Paulo, Difusão Européia do Livro/Ed. Universidade de São Paulo, 1973.

WOLFF, F. Sócrates. São Paulo, Brasiliense, 1984.

um significante da paternidade em posição terceira, enquanto o pai como metáfora faz falta.

Analogamente, no cenário analítico, quando o analista faz uma interpretação sem equívoco e explicativa, ele está falando do lugar do analisante e o seu lugar como endereço desaparece. A estrutura do significante é desfeita e ele surge como um signo, nesse instante em que um encontro reduz a nada a distância imaginária graças à qual o "eu" se constitui como separado de seu mundo.

Um caminho inverso, do signo ao significante, do não simbolizável ao simbolizável, é possível, se a presença de alguém, analista ou não, dá valor de significantes aos signos, às percepções alucinadas. Não se trata de atribuir uma significação a esses signos, tomando-os como elementos de um diálogo, pois isso situa aquele que atribui no lugar do Outro. Assim a relação de transferência ao semelhante cai sobre um Outro que está na própria fonte de delírio²⁴.

O signo, a alucinação hiperclara, hiperprecisa, deve ser considerado como um encarceramento do objeto "a" numa imagem. A sua passagem a significante só é possível por uma escansão do lugar de "a", em que aquele que opera a escansão sig

24 "C'est toujours le moment où ils ont compris, où ils se sont précipités pour combler le cas avec une compréhension, qu'ils ont raté l'interprétation (...).(...) à entendre ce qu'il a dit, il apparaît... qu'une question aurait pu être posée, qui aurait peut-être suffi à elle seule à constituer l'interprétation valable (...). Que tel moment de la perception du sujet, de sa déduction délirante, de son explication de lui-même, de son dialogue avec vous, soit plus ou moins compréhensible, n'est pas ce qui est important." (LACAN, J. Le Séminaire. Livre III. Les psychoses. Op. cit., p. 31).